

JOSÉ RIBEIRO DE SÁ VALLE

Biblioteca Pública
São João - Maranhão

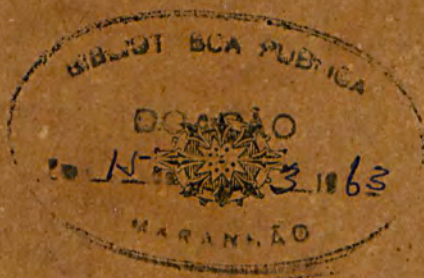
869.90
V. 149
ORMA
869.908
Gilla
T

ANTHOLOGIA

MARANHENSE

K41124

1.ª EDIÇÃO



1937

ESTABELECIMENTO GRAPHICO
RAMOS D'ALMEIDA & CIA. LTDA.
MARANHÃO

PREFACIO

Não comprehendo que o Maranhão sendo a gloriosa Athenas Brasileira, até agora, não tenha uma Anthologia propria. Os nomes e os escriptos dos nossos melhores homens de letras estão encerrados em florilegios outros.

E é por essa grande falta que me abalancei a organizar e publicar esta anthologia, quando o meu desejo radical era publicar uma obra mais ampla, desenvolvida, melhor, com um maior numero de escriptores e de excerptos, com muitos clichés.

Si não levo a effeito esse meu grande desejo, é porque me faltam os meios necessarios.

Dinheiro existe sempre para festas e futilidades, só é escasso e nullo para as coisas sublimes da intelligencia; muito embora ella venha beneficiar a instrucção ou tornar mais conhecido e fulgente o nome da nossa terra que é tão linda e tão bôa, das melhores do mundo.

Por não ser um compendio ou tratado de litteratura, ao confeccionar esta selecta, não a dividi, nem em seculos nem em escolas litterarias; procurei seguir mais ou menos, a ordem chronologica, na exposição do nome dos auctores.

Vencendo eu os maiores obstaculos e a forte indifferença do meio, offereço aos estudiosos da minha terra, este humilde trabalho, despretencioso e simples no seu formato, apenas com a alta virtude de realçar aos olhos do presente, o valor intellectual dos filhos do Maranhão.

Não almejo obter da publicação desta pequena obra, lucros ou glorias; o unico premio que desejo ganhar do meu esforço é que a anthologia maranhense sirva alguma coisa á causa nobilissima da instrucção, e mesmo para mostrar aos faladores e pessimistas, que o Maranhão do passado, como o da actualidade, ainda tem uma numerosa phalange de homens illustres, que não nos envergonham perante o Brasil, ou fóra, no estrangeiro.

José Ribeiro de Sá Valle



MANOEL ODORICO MENDES, nasceu nesta capital a
24 de janeiro de 1799.

Jornalista, político e poeta. Traduziu as obras de Homero e
Virgilio.

Falleceu em Londres, a 17 de agosto de 1864.

HYMNO Á TARDE

Que hora amavel! Espiram os favonios;
Transmonta o sol; o rio se espreguiça;
E, a cinzenta alcafiça desdobrando
Pelas azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde...
Salve, moça tão meiga e socegada;
Salve, formosa virgem pudibunda,
Que insinuas co'os olhos doce affecto,
Não criminosa abrazadora chamma!
Em ti repousa a triste humana prole
Do trabalho do dia, nem já lavra
Juiz severo a barbara sentença,
Que ha—de a fraqueza conduzir ao tumulo.
Lasso o colono, mal avista ao longe
A irmã da noite; cõa-lhe nos membros
Placido allivio posta: a dura enxada,
Limpa o suor que em bagas vae cahindo...
Que ventura! A mulher o espera anciosa
Co'os filhinhos em braços e já deslembra
O homem dos Campos a diurna lida;
Com entranhas de pae lêdo abençõa
A progenie gentil que a olho pula.

.....
Tarde, serena e pura, que lembranças,
Não nos vens despertar no seio d'alma?

Amiga terna, dize-me, onde colhes
 O balsamo que esparges nas feridas
 Do coração? Que apenas dás rebate
 Cala-se a dôr; só geras no imo peito
 Mansa melancholia, qual ressumbra
 Em que sob os seus pés tem visto as **flôres**
 Irem marchando, e a treva do infortunio,
 Ante os olhos medonha condençar-se.
 Longe dos patrios lares, quem não sente
 Os arrebões da tarde coutemplando
 Um subito alvoroço? Então pediamos
 Dos contos arroubados que verteram
 Propicios deoses nos maternos labios,
 E branda mão apercebia o berço
 Em que os têrnos vagidos affagava
 Infausto annuncio de vindouras penas.



FRANCISCO SOTERO DOS REIS, nasceu nesta capital,
 22 de abril de 1800.

É o mestre dos mestres na opinião do grande Ruy Barbosa.
 Falleceu a 16 de janeiro de 1871.

Publicou Gramatica portugueza; Curso de litteratura portugueza.

Antonio Gonçalves Dias

Nos Primeiros Cantos deste eximio poeta ha poesias por elle compostas aos deseseis e deoito annos de idade, que surprehendem e arrebatam a quantos as lêem por sua belleza ou elevação, parecendo obra de uma idade propecta, como vistês no precedente discurso em que as analisei; era então até aos vinte e um ou vinte e dois annos o desabrochar, viçar, florescer, e fructificar do rico talento com que o dotou a natureza. Por isso não admirã, se o distincto litterato português, Sr. A.

Herculano, reconhecendo a excellencia de tão singular engenho, que lhe arrancou um testemunho de admiração não solicitado, lhe nota ainda em tão verde juventude os defeitos do escriptor não amestrado pela experiencia.

Nos Segundos Cantos dô mesmo, porém, trabalho de tres ou quatro annos mais em que o genio enriquecido e aperfeiçoado pelo estudo começa a dar os seus mais sasonados fructos, ha poesias não só de notavel belleza, mas de grande perfeição de estylo, como entre outras muitas que poderemos citar, a «Canção nas Lagrimas», a «Rosa no Mar», o «Hymno á Lua» e as «Sextilha de Frei Antão», que por sua novidade, bom gosto e correccão, captivaram as sympathias de alguns litteratos portuguezes, que não cessavam de admirar-las quando appareceram.

Tendo de apreciar hoje estes Cantos, como me propús, escolherei delles para objecto de minha analyse as mencionadas Sextilhas, que, por seu género e lavor especial dão um testemunho mais palpavel do grande e extraordinario talento do poeta, que as outras composições suas, cuja bellezã se admira ordinariamente como cousa de antemão esperada em tal poeta.

Causa em verdade assombro vêr como um moço de vinte e três ou vinte quatro annos pode em tão pouco tempo adquirir tão profundo conhecimento do portuguez antigo e moderno, para compôr, por um milagre de talento que outro nome não tem, as mais bellas e mimosas poesias na velha e pobre linguagem do Cançioneiro de El-Rei D. Dinis!

Que estudo de ferro não era preciso fazer noite e dia, não só para possuir em tal idade um tão cabal conhecimento do idioma, mas e sobretudo para se exprimir com tanta graça e mestria na linguagem absoluta, que falaram nossos avós ha mais de quinhento annos atrás! Só o poder do genio podia chegar a tanto.

E' fama que o poeta respondia com essas admirar a

veis producções do seu prodigioso talento, que attestam tanta sciencia da lingua portugueza, a certos censores do manuscripto da sua Beatriz Cenci, os quais acoimavam de pouco castiça a linguagem do drama. Se assim é, teve ao menos uma tal censura o merito de enriquecer a nossa litteratura com mais um producto de tão singular engenho.

Assim si os francêzes se jactam de que o seu La-fontaine, homem provector, quando compunha as suas fábulas, se exprimisse tão bem na antiga linguagem, ou langage du vieux temps, com mais razão devemos nós os brasileiros gloriar-nos de que o nosso Gonçalves Dias, ainda mui moço, manejasse tão bem a antiga linguagem portugueza, como aquelle celebre fabulista manejava a francêza. já maduro.



JOÃO FRANCISCO LISBÔA, nasceu aos 22 de março de 1812, no lugar Pirapemas, do Itapecurú-mirim. Celebre publicista, historiador e profundo conhecedor da nossa lingua. Redigiu o Jornal de Timon e deixou um livro inedito — A vida do Padre Antonio Vieira.

A Festa de N. S. dos Remedios

Deram seis horas; os sinos, os foguetes, as bombas estrugiram tudo. — A rua que guia ao largo começou a encher-se, e a entornar as suas ondas incessantes e perennes. Toda aquella multidão forma como uma só veia, ou serpente de mil côres que se arrasta sem cessar, surucucû, jararaca, ou cobra coral, sem rabo nem cabeça, mosqueada, rajada, sarapintada de negro, branco, vermelho, azul, verde, amarello, pardo, e cinzento. Vista por partes, são brancos, pretos, mulatos, cafuses, cabras, caboclos, mamelucos, quartões, oitães, e outras infindas variedades que escaparam a classificação Gayo.

so. São casacas, paletots, jaquetas, calças modernas, antigas, martinicas, vestidos, saias, quizenas, mantas, visitas, sapatos, chinellas, pés descalços. Formosura e fealdade, a graça e o desaso, o vicio e a virtude, a sudeza e a desenvoltura, a intelligencia e a estupidez, todos os sexos, todas as idades. A criancinha envolta nas fuchas, que ora ri, ora chora de quanto entrevê e lhe sussurra confusamente nos ouvidos; aquell'outra mais crescida, que começa a ensaiar os tenrinhos passos mal seguros.—Lá vão aquelles já taludos, travessos, foliões. Acima destes, os que aspiram aos fôros de moços e moças, os que realmente o são, as estimaveis mães de familias, as matronas já entradas em annos, os homens barbados, e sem barbas, anciões, velhas respeitaveis, e velhuscas respeitabilissimas, pelo sexo, como reliquias das gerações extinctas, e como monumentos das passadas éras.

Esta scena toma maior animação aos sons da musica militar, e quando alguns dos anneis da serpente são formados pela tropa ou pelos educandos artifices.

O leilão se faz em uma barraca, arrumada ao lado da igreja, toldo de lona, aberta em tórno, e cingida por uma simples cerca. Consta de mimos que os devotos mandam a Nossa Senhora, e que os concorrentes arrematam por devoção ou mera tafularia. Antigamente a licitação dava quantias fabulosas; hoje em dia, entra a noite e muitos objectos ficam por falta de lançadores. Estão ali doces, plantas, flores, fructas, segredos, galanterias, animaes domesticos, selvagens, terrestres, aquaticos, amphibios, aves e quadrupedes, chirimbabos, e bichichos. Entre as galanterias, um naviosinho de doce todo empavesado, velas de panno de assucar.

O prazer só era desbotado pela muita poiera, e frequentes baforadas, que sem o menor respeito a tantos olfactos delicados, os apaixonados do charuto exalando á direita e a esquerda.

Havia um resto de fogo de artificio a queimar, hou-

ve ainda um balão que ardeu antes de desferir o vôo, e desafiou por isso uma immensa aclamação, mas a nada disto assisti mais, que me foi mistér retirar mais cedo.



ANTONIO GONÇALVES DIAS, nascido a 10 de agosto de 1823, no sitio Bôa Vista, em Caxias. Poeta maravilhoso, e sabio, exerceu importantes commissões scientificas e literarias. Falleceu n'um naufragio, perto de Guimarães, a 3 de novembro de 1864.

Deixou 2 volumes de poésias; Sextilhas de Frei Antônio; Os Tymbiras, poema. Dicionario da lingua tupy; O Brasil e a Oceania, memoria; o drama Beatriz de Cenci

Canção do Tamoyo

I

Não chores meu filho;
 Não chores, que a vida
 É; lucta renhida,
 Viver é luctar.
 A vida é combate
 Que os fracos abate,
 Que os fortes, os bravos,
 Sò pôde exaltar.

II

Um dia vivemos!
 O homem que é forte
 Não teme da morte,
 Sò teme fugir;
 No arco que entesa,
 Tem certa uma presa,
 Quer seja tapuya,
 Condor ou tapyr.

III

O forte, o cobarde,
Seus feitos inveja,
De o ver na peleja,
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves conselhos,
Curvadas as frentes,
Escutam-lhe a voz!

IV

Domina, se vive,
Se morre descança
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte ha de vir!

V

E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoyo naceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro
Brasão dos Tamoyos
Na guerra e na paz..

VI

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
Imigos transidos
Por mil commoção,

E tremam d'ouvil-o,
Peior que o sibilo
Das setas ligeiras,
Peior que o trovão.

VII

E a mãe, nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos creados
Na lei do terror,
Seu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dor!

VIII

Porém se a fortuna,
Trahindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do inimigo fallaz.
Na ultima hora
Teus feitos memora,
Tranquilo nos gestos,
Impavido, audaz.

IX

E cae como o tronco
Do raio tocado
Partido, rojado
Por longa extensão:
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triumpho, conquista
Mais alto brasão.

X

As armas ensaia,
 Penetra na vida:
 Pesada ou querida,
 Viver é lutar.
 Se o duro combate
 Os fracos abate,
 Aos fortes, aos bravos,
 Só pode exaltar.



ANTONIO HENRIQUES LEAL, cognominado o Plutarcho maranhense, nasceu a 24 de julho de 1828, em Cantanhede, no Itapecurú-mirim. Medico e litterato. Falleceu no Rio de Janeiro, a 29 de setembro de 1885. Escreveu o Pantheon Maranhense, 4 volumes.

As margens do Itapicuru

As margens do rio Itapicuru são na sua maioria, de aspecto selvatico; alfombradas de luxuriante vegetação esplendente e sombria como sóe ser nas regiões intertropicaes. Aqui renques de palmeiras com seus leques variados como seus troncos, conforme as especies; uns erectos, alterosos e espessos, com as columnas de arruinado templo; outros delgados e recurvando-se ao menor sôpro da brisa, ou torcidos, como se mão de gigante se tivesse comprazido de os contorcer por folguedo; outros nus de folhagem peja acção destruidora do raio ou abraçados por tenues ramos de baunilheira, trescalando perfumes. As caprichosas formas desse quadro risonho succede de repente a tristeza que lhe infundem as sombras melancholicas das ingaranas, que se debruçam no rio com suas franças pendentes, como os de salgueiro soberbo e seculares, ou entrelaçadas e cingidas por mil cipós e parasitas, que as despojam das

ramas, substituindo-as por seu vasto folhiço matizado de flores tão esplendidas nas cores quanto phantasticas na contextura. Se neste grupo de arvores aparentam rios cortinados de verdura naquelle, pela disposição dos sarmentos, arremedam aqui arcos triumphaes, ali quaes laçarias architectadas por mãos intelligentes de artista arabe, ou grinaldas entretecidas para capellas sagradas.



TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO, nasceu em 1830 no Mearim. Bom philologo e um dos nossos mais distinctos poetas. Suas poesias, esparçam em jornaes e revistas foram publicados no Parnaso Maranhense. As Sertanejas foram publicadas em 1898.

Falleceu a 14 de julho de 1864.

No Roçado

Raios de fogo dardeja a prumo
 O rei da luz; do tijupar ao longe
 Com a briza a pindoba ciciava;
 Do algodão os alvissimos capuchos
 Entre o verde das folhas refulgindo
 Como annel ao redor se retorciam
 De perlas embutido, e de esmeralda:
 O sabiá plumoso, a azul pipira,
 O rubro tatarjá—orpheo da matta—
 Mudeciam dos galhos entre as folhas
 A' sombra do paú-d'arco biflorente
 Na branca areia a meiga sururina,
 O lugubre mutum, a siricóra.
 E a terna pecuapá despem a calma
 E o silencio da matta, a morna brisa,
 D'garapé visinho, que murmura,
 Das arvores a sombra preguiçosa,
 Da cigarra a monótona cantiga
 E o fôfo leito do arrelvado sólo,
 Teem um não sei quê, tão suave e branco

Que filtra-se nos membros, quebra as forças,
 — nos convida a repousar da sésta.
 Profundo era o silencio—E os machados
 Que alternos soam na derruba ingrata
 Do proximo roçado, descansavam
 Nem da palmeira a sibilante quéda,
 Nem do pau-santo que rechina e treme,
 Nem da aroeira que o machado morde,
 O ruidoso cahir, que a terra abala,
 O silencio quebrava da floresta
 E' que do tijupar o pobre sino
 A' pura refeição chama o escravo.

JOAQUIM DE SOUSA ANDRADE, nasceu em Guimarães
 a 9 de julho de 1833. Era um grande poeta e philosopho
 perfeito. Autor do poema o Guesa Errante. Falleceu nesta
 capital, a 21 de abril de 1902.

Vinte e oito de Julho

Os labaros verdes nos ares ondulam,
 Na gloria da patria, na crença de Deus!
 Os peitos levantam, os hymnos modulam,
 Na terra cantados ouvidos no céus!

Nas róseas torrentes que descem da aurora
 Nos ventos, nos mares convulsos de amor
 Os cantos formosos se entôam d'outrora,
 Que as fontes incendem de eterno fulgor.

Os loiros não murcham na patria dos lirios!
 Os cravos não tombam dos braços da cruz!
 —Se pungem com sangue, com fundos martyrios,
 Sabeis que transformam-se em astros de luz!

Dobrai os joelhos! beijae esta terra
 De nobres passados! sabeis ter-lhe amor!
 Sabeis difundil-a nos campos da guerra
 Sois livres! sois filhos do sol do equador!

JOAQUIM SERRA, nasceu em 1838, poeta e jornalista de grande projecção. Escreveu Um coração de mulher, poema—romance; Quadros, poesias, 1873; O Jogo das letras comedia; etc. Falleceu no anno de 1888.

A Lei e o Direito

«Sou vossa filha, entretanto o mundo
Clama não ser igual nosso destino
Pois, procedeis de um tronco que è divino
E que eu procedo de um paul immundo»

Assim falou a lei-Meditabundo
Lhe respondeu o pobre peregrino.
—O que se diz não é um destino
Tal juizo contem razão no fundo...

Descendo da verdade esclarecida,
Vivo junto de Deus 'no assento ethereo,
Goso a luz immortal, eterna vida;

Mas um dia liguei-me com misterio
A' justiça dos homens fementida...
E o fructo tu és deste adulterio !



CELSO DA CUNHA MAGALHÃES, nasceu em Vianna no anno de 1849. Brillhante escriptor, poeta, novelista, estético, magistrado. Escreveu Versos, 1870; Um estudo de temperamento, romance; Folhetins humoristicos, 1876.

A Floresta

E' de manhã.
Aclarado pela luz gradual que aos poucos doura
lhes os cimos, ostenta-se esplenderosa a matta virgem,
Quem houver viajado pelo norte do Brasil ha de

por certo, conhecer o acentuado selvagem de suas florestas, e ter saudade d'aquelle vago rumorejar que n'ellas se escuta, daquella indefinida reunião de harmonias alpestres, e ha de extasiar-se ainda como lembrança do aroma acre, saudavel e vivificante de suas arvores seculares.

Não têm as mattas a garridice de ornamentação com que se arreiam as varzeas, nem a alegria festiva e sempre fresca dos campos, onde a vista procura ás vezes nos terminos enfumacados da verdura do capim, ou do juncal que ondêa em curvas voluptuosas, a orla do palmeiral, que de longe nos acena.

Nada d'isso.

A imponencia do seu aspecto faz com que se encare a matta virgem com respeito e admiração.

Os madeiros se levantam firmes, direitos, hirtos, soberbos, como reis que são d'aquellas regiões inhabitadas, e, lá no alto, espalham as ramas, entrançam os galhos, formando enormes docéis de verdura, que sentem por vezes o beijo resfriado das nuvens iriadas que de perto os namoram.

A altura dos troncos parece querer rasgar o espaço, e o empinado arrogante do porte desafia as raivas da tempestade.

Por toda a parte o bello a manifestar-se de mil maneiras.

Reina, por baixo d'essas cupulas verdes, uma luz soturna, sombreando melancolicamente os relevos, as saliencias, os lideamentos de todos aquelles troncos e cipós.

Dissereis que todas aquellas sinuosidades da cortiça dos madeiros são o esboço incompleto de algum estatuario caprichoso, que quizesse vasar n'aquelles moldes as feições de gryphos e animaes desconhecidos,

Banhada por essa luz esverdeada, a floresta faz lembrar as grutas encantadas, a imaginação a povôa de habitantes sobrenaturaes.

RAIMUNDO TEXEIRA MENDES, nasceu a 5 de janeiro de 1855, em Caxias. Sabio de renome universal e chefe do Positivismo no Brasil. Escreveu *La philosophia cliniqua* d'après Augusto Comte, 1898; *Benjamim Constant*; *O Culto Catholico*, 1903

O Amor

O amor não sente peso, e nada o suster pode:
 Labôr algum não ha que ao menos o incomode.
 Que mais do que tentar a fôrça lhe autoriza,
 Que o impossivel mesmo em nada o atemoriza:
 Do bem o entusiasmo em si não tem limite,
 Lhe faz possivel tudo, e tudo lhe permite.
 Assim, quem sabe amar de tudo é suceptivel;
 Consegue executar o que parece incrível;
 Mas a falta de amor aniquilla a coragem
 Amortece o vigor; a alma entregue á voragem
 De ignobeis paixões e de torpe demencia,
 Lança o homem enfim na mais triste indigencia.

O amôr é como o Sol, não dorme um só momento;
 Do somno do torpôr, conserva o atilamento;
 Não pode a mór fadiga hauri-lo de cansaço,
 E é livre na tenaz do mais ferrenho laço;
 Curvado a fardos mil, jámais fica opprimido,
 Horrôr por sobre horrôr incara destimido;
 E nesse ardende afan bem mal se lhe assemelha
 Vivace e brusca chama ou fulgida scentelha
 Que vai de polo a polo, em tetrico escarcéu,
 Com a fascinante luz nos desvendando o Céu.
 Quem sabe amar conhece o redemptor encanto
 Da voz que em nós talvez supéra o melhor canto,
 E num concerto augusto o coração afina
 Ao côro que celebra a Virgem Mãe divina!

ANTONIO MARQUES RODRIGUES, nasceu nesta cidade, em 1825. Collaborou no *Panorama* com diferentes poesias e artigos que Alexandre Herculano elogiou muito. Escreveu o Livro do Povo e publicou diversas traducções, colligindo em um volume de versos, Tres Lyras, as poesias espalhas em varios jornaes e revistas. Morreu em Portugal no anno de 1873.

O Brasil

Os templos soberbos da Grecia formosa,
E os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
Não cobrem, não ornam meu patrio Brasil:
Estatuas não temos, primores das artes,
Mas temos os bosques por todas as partes,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Os rios gigantes, as limpidas fontes,
As flores, os fructos, os prados, os montes,
Esmaltam, protegem meu patrio Brasil,
E o canto das aves na selva escutam,
E o sol não tememos, e a sombra buscamos
Nas verdes palmeiras viçosas a mil.

As Venus, as Graças, os loucos Amores,
Celestes no marmor, na forma, nas cores
Não temos, não temos no patrio Brasil;
Mas temos as virgens d'olhar expressivo,
De rosto moreno, character altivo,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

E virgens e homens e bosques e mares
E tudo que vive na terra, no ares,
É bello, e sublime no patrio Brasil:
Azul é o céu, as florestas frondosas,
Valentes os homens, as virgens mimosas,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

THEOPHILO DIAS, nasceu em Caxias, no anno de 1857. Era sobrinho de Gonçalves Dias de quem herdou admiraveis qualidades poeticas. Escreveu Contos tropicaes; Fanfarras; A comedia dos deuses (poema), etc. Falleceu em 1889.

O Rio e o Vento

Muitas vezes se vê sobre os rios do Norte,
Na quadra em que o calor abafa mais ardente,
Horrisono tufão rugir, sanhudo e forte,
Em direção contraria á indomita corrente.

Freneticos pegões, com impavidos roncões,
Arrancados com furia ás validas entranhas,
No impetuoso correr lascam os troncos,
E fazem desabar as pedras das montanhas.

De encontro ás aguias rúe a turbida descarga,
E em brusco assalto ferve, e remoinha e brama,
Sem colera, encrespando a superficie larga,
Atravez da floresta o rio se derrama.

Como um athleta, o vento, em profundo esforço,
Cava a humida arena,—o rio que se empóla.
Sob a afronta eriçando o magestoso dorso,
Com lento passo igual á rude massa róla.

Apenas, nesse dorso herculeo, que fumega,
Brincam da espuma errante os fervidos matizes,
E elle vai fecundando as regiões que rega,
Nutrindo e avigorando as soíregas raizes.

Ideal! ideal! tu és como esse rio
— Sem ouvir o clamor dos scetros, das thiaras,
Com grave placidez, imperturbavel, frio,
Vaes rolando em triumpho as tuas ondas claras.

Embalde sobre ti as lavas dos insultos
 O preconceito cospe, e golfeja a insolencia.
 —Vaes nutrindo de amores corações incultos,
 Fecundando o dever em cada consciencia.

Fatigando do passado a resistencia, a furia,
 Marchas para o futuro inalteravelmente;
 —Não te pode sustar a força, nem a injuria:
 —O tufão não suspende aos fios a corrente!



ARTHUR AZEVEDO, nasceu nesta capital, em 1855. Comediographo, dramaturgo, jornalista, novelista, contista espirituoso e poeta. Como escriptor de theatro foi o mais fecundo e o mais reputado que teve o Brasil. Os seus livros principaes são: Contos fóra da moda; Contos em verso; e a linda peça theatral o Dote. Falleceu no Rio de Janeiro, a 22 de outubro de 1908.

As Estatuas

No dia em que da terra te sumiram,
 Eu fui ver-te defunta sobre a eça,
 Fechados para sempre—á sorte avessa!—
 Aquelles olhos que me seduziram...

A' luz do sol uma janella abriram,
 E o jardim avistei, onde, ó condessa,
 Uma noite perdemos a cabeça,
 E as estatuas de marmore sorriram...

Sahiste por aquella mesma porta
 Onde out'rorra teus beijos me esperavam,
 Cheios de amor que ainda me conforta:

Quando o jardim saudoso atravessaram
 Seis homens com o esquite em que ias morta,
 As estatuas de marmore choravam...

ALUIZIO AZEVEDO, nasceu nesta capital, em 1857. Foi jornalista, professor e diplomata. Creador do romance naturalista no Brasil. Escreveu o Mulato, o Cortiço, Casa de Pensão, Livro de uma sogra e outros, de valor. Falleceu em 1913.

No Maranhão

Quando eu tinha treze annos, lá na provincia, uma das familias que mais intimamente se dava com a minha era a do velho Cunha, um bom homem, já afastado do commercio a retalho, onde fizera o seu peculio, e casado com uma senhora brasileira, D. Marianna.

Tinham um casal de filhos: Luiz e Rosa ou Rosinha, como lhe chamavamos. Luiz era mais velho do que a irmã apenas um anno e mais moço do que eu apenas mezes.

Fomos por bem dizer creados juntos, porque, quando não era eu que ia visital-os, eram elles que vinham passar o dia commigo.

Moravam na praia de Santo Antonio, num grande e bello sobrado, cujos fundos, como o de todas as casas do littoral da ilha do Maranhão, davam directamente para o mar.

O Cunha, além dessa casa, que era de sua propriedade, tinha um sitio onde ia frequentemente passear com a familia.

Quasi sempre levavam-me tambem. O sitio chamava-se «Boa-Vinda» e ficava á margem do rio Anil, para além de Vinhaes. Embarcava-se no proprio quintal da casa.

Estes passeios a Boa-Vinda constituíam um dos maiores encantos da minha infancia. Criado á beira mar na minha ilha, eu adorava a agua; aos doze annos era já valente nadador, sabia governar um esca- ler ou uma canôa, amainar com destreza a vela num

temporal, e meu remo não se deixava bater facilmente pelo remo de pá de qualquer jacumahuba pescador de piabas.

Sahiamos quasi sempre no segredo da primeira madrugada e chegavamos ao sitio ao repontar do sol.

Ah! que deliciosos passeios! Que bellas manhãs frescas, deslisadas por entre os mangaes, sentindo-se rescender forte o odor salgado das marezias! E depois, lá no sitio, installados, na varanda de telha vã, que prazer não era devorar o almoço, assentados todos em bancos de páo, em volta de uma mesa coberta de linho claro, a beber-se o vinho novo do cajú por grandes canecas de terra vermelha! E depois— toca a brincar! toca a correr por ahí afóra, em pleno matto, cabellos ao vento, corpo e coração á larga!

E, á tarde, depois do jantar, quando a natureza principiava a cahir nos desfallecimentos chorosos do crepusculo, vinhamos todos assentar-nos na eira, de frente da casa, ouvindo o pio mavioso e plangente das sururinas que se acoitavam para dormir nas matas proximas. Então, Luiz ia buscar a sua flauta, Rosinha o seu violão, e eu, acompanhado por elles, punha-me a cantar as modas mais bonitas da minha terra.

D. Mariana e o Cunha gostavam de ouvir-me cantar. Nesse tempo a minha voz tinha ainda, como a minha alma, toda a frescura da innocencia.

A' noite, enfim, metiam-se de novo no balaió as vasilhas do farnel, carregava-se com tudo para bordo da canôa, estendia-se por cima uma vela de lona, em que nos assentavamos os tres, Luiz, a irmã e eu; o Cunha tomava conta do leme, com a mulher ao lado; tres escravos encarregavam-se dos remos, e rebatiamos para a cidade.

ADELINO FONTOURA, nasceu no Axixá, em 1859. Delicioso poeta lyrico e autor de esplendidos sonetos. As suas significativas produções até agora ainda não foram reunidas em um livro. Falleceu em Lisbôa no anno de 1884.

Celeste

É tão divina a angelica apparencia
E a graça que illumina o rosto della,
Que eu concebera o typo da innocencia
Nessa creança immaculada e bella.

Peregrina do céu, pallida estrella,
Exilada da etherea transparencia,
Sua origem não pode ser aquella
Da nossa triste e misera existencia.

Tem a celeste e ingenua formosura
E a luminosa aureola sacrosanta
De uma visão do céu, candida e pura;

E quando os olhos para o céu levanta,
Inundados de mystica doçura,
Nem parece mulher,—parece santa.

HENRIQUE COELHO NETTO, nasceu a 21 de fevereiro de 1864, em Caxias. Orador notavel e o mais operoso dos escriptores brasileiros, deixou mais de 100 livros. Apontam-se como as suas melhores obras: Inverno em Flor, Jardim das Oliveiras, A bico de Penna, A Conquista, etc. Falleceu a 28 de novembro de 1934, no Rio de Janeiro.

Mandamentos civicos

1—Honra a Deus amando a Patria sobre todas as coisas por nol-a haver Elle dado por berço, com tudo o que nella existe de esplendor no ceu e de belleza e fortuna na terra.

2—Considera a bandeira como a imagem viva da Patria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com todas as forças do teu coração.

3—Honra a Patria no passado: sobre os tumulos dos heroes; glorifica-o no Presente: com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o Futuro: com a dedicação, que é a Força da Fé.

4—Instrue-te, para que possas andar por teu passo na vida e transmite a teus filhos a instrucção, que é o dote que não se gasta, direito que não se perde, liberdade que não se limita.

5—Pugna pelos direitos que te confere a Lei, respeitando-a em todos os seus principios, porque da obediencia que se lhes presta resulta a ordem, que é a Força suave que mantém os homens em harmonia.

6—Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pode haver equilibrio. Quando sentires o tentador, refugia-te no trabalho, como quem se defende do demónio na fortaleza do altar.

7—Previne-te na mocidade economizando para a velhice, que assim prepararás de dia a lampada que te ha de illuminar á noite.

8—Acolhe o hospede com agasalho, offerecendo-lhe a terra, a agua e o fogo, sempre, porem, como senhor da casa: nem com arrogancia que affronte nem com submissão que te humilhe, mas serenamente, sobranceiro.

9—Ouve os teus, que têm interesse no que lhes é proprio, reservando-te com os de fora. Quem susurra segredos é porque não pode falar alto, e as palavras cochichadas na treva são sempre rebuços de ideias que não se ousam manifestar ao sol.

10—Ama a terra em que nasceste e á qual reverterás na morte. O que por ella fizeres, por ti mesmo farás, que és terra e a tua memoria viverá na gratidão dos que te succederem.

RAYMUNDO CORREIA, nasceu a bordo do vapor S. Luiz, surto na bahia de Mangunça, a 13 de maio de 1860. O maior poeta philosophico do Brasil. Deixou um excellente livro de poesias, vendo-se nelle o seu bello soneto As pombas. Falleceu a 16 de setembro de 1911, no Rio de Janeiro.

Mal secreto

Se a colera que espuma, a dor que mora
N'alma, a destroe cada illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora,
O coração no rosto se estampasse;

Si se pudesse, o espirito que chora,
Ver atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez consigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!



FREDERICO PEREIRA DE SÁ FIGUEIRA, nasceu em Picos, deste Estado, a 10 de dezembro de 1852. Jornalista primoroso, fundou com Isaac Martins, O Norte, da cidade da Barra do Corda, em 1888. Falleceu na Barra do Corda, onde teve sua brilhante actuação politica, no dia 8 de julho de 1925.

Paizagem sertaneja

Além, nos valles uberes, a planicie desliza, recurvada no horizonte longo pela fita azul dos buritizaes esguios; que acompanham, enfileirados, erectos, pal-

mas soltas ao vento, num murmúrio doce de briza, a linha sinuosa de algum regato ou ribeiro.

Águas crystallinas, das nascentes limpidas, correm sobre areas, sem manchar-lhes a brancura, ténues, leves, como gazes finissimas sobre corpos diaphanos. Brincando, ás vezes, a corrente estúia e ligeira passa beijando as pedras que na riba encostam.

Ramos flacidos, das margens amigas, entrelaçam as hastes delgadas, formando latadas, bordadas de flôres.

Ao fundo, a transparencia das aguas não trae os raios fulgidos do sol—que doira as escamas dos peixinhos celeres. Ao longe, campinas extensas, desnudas de arvores gigantescas, distendem-se em lençoes verdes pelo chão sem fim. Aos olhos do viajor, absor-to, deante de tanta belleza, -semelham mares verdes semeados de algas, que são as moitas virentes dos arbustos bastos.

De distancia em distancia, alterando a paizagem, modificando a perspectiva, variando em seus tons a natureza do quadro, levantam-se outeiros, de copas verdes; outros erectos, inacessiveis, ferindo as nuvens, como pharoes em costas perigosas erguem—altaneiros, dando, ao longe a ficção de um objecto, de um homem, de um animal.

São celebres e muito conhecidos os morros do *Chapeu* e do *Frade*, o primeiro dando a configuração desse adorno, que abriga o homem—naquelles descampados—contra as ardentias da canicula;—o outro, semelhando um monge, com o seu capuz e habitos de abas largas, em meio daquellas extensas campinas, afigura-se-nos o evangelisador sublime, intemerato e bom, apontando para o infinito azul, onde reside Deus, e pedindo, por entre evocações purissimas de crença e fé, força e alento para vencer a aridez dos dezertos e levar além, muito além, ao indigena bravio, as suavidades de christianismo, o conforto da civilização e as luzes do entendimento.

RAYMUNDO DE SÁ VALLE, nasceu nesta capital, em 8 de maio de 1856.

Doutor em Direito pela Universidade de Bruxellas, juriconsulto, professor e poeta, membro de diversas associações litterarias e de sciencias moraes e politicas.

Um dos grandes e dos mais fervorosos paladinos da republica, que derrubou o throno de Pedro II.

Escreveu traços biographicos do Dr. Silva Jardim, Des Agents Diplomatiques, um volume de versos, etc.

Falleceu em 1914, como consul geral do Brasil, em Genova, na Italia.

Silva Jardim

Possue Silva Jardim a alma energica para seguir pelo caminho largo e recto do dever; e, como todo o homem forte, sua vontade domina o seu corpo e o subjugua.

Viaja e discursa largos dias sem repouso.

Ainda possui Silva Jardim a verdadeira coragem, que é calma, e de que tem dado sobejas provas: no perigo age com resolução e energia, ao envez dos covardes, que tremem e se escondem.

Como as pessoas das virtudes rigidas, não tem incerteza: o embaraço é a partilha dos fracos, que têm por habito transigir com seus deveres.

O que inspira confiança no estadista é a força de intelligencia, é a força de vontade; que supprimem as hesitações e as duvidas.

Silva Jardim tem gravado na sua alma as leis da honra, do dever e do sacrificio, e ahi vai buscar sua força.

Equilibra todas as forças intellectuaes e moraes, e tal equilibrio suprime a anarchia do seu espirito lucido e brilhante.

Coube a Silva Jardim as qualidades de grande estadista: capacidade, virtude e energia—*capaz*—vê o bem: *virtuoso*—quer realizar-o: *energico*—póde fazel-o.

Reune o pensamento á acção, como Cezar; como Danton, reune a energia da palavra á energia da vontade,

Como orador é de uma facundia extraordinaria, de uma imaginação pasmosa, de um brilho na fórmula, que deslumbra, de um impeto no sentimento, que arrasta: é da ordem superior dos tribunos. O pensamento, nos seus discursos, é muito original, o ponto de vista é muito elevado, a fórmula é muito brilhante.

Silva Jardim sonha com a regeneração da sua patria, purificada no crisol da republica, que para elle é a «liberdade sem usurpações nem violencias: igualdade que admite o crescimento natural de cada um: fraternidade, não de frade no convento, mas de homens livres».

Silva Jardim quer a republica, porque esta, como nos doutrina um grande mestre, nos dará o ensino, como o sol dá a luz, gratuitamente: introduzirá a clemencia na lei penal: multiplicará os caminhos de ferro e decuplará o valor do sólo: partirá do principio de que é preciso que todo o homem comece pelo trabalho e acabe pela propriedade: garantirá, em consequencia disso, a propriedade como representação do trabalho effectuado e o trabalho como elemento da propriedade futura; respeitará a herança, que não é senão a mão do pae estendida sobre os filhos, através a pedra do tumulo: combinará pacificamente para resolver o glorioso problema do bem estar, os augmentos continuos da industria, da sciencia, da arte e do pensamento: proseguirá sem descanso, e sem sahir do possível, na realisação serena de todos os sonhos dos sabios: assentará o poder sobre a mesma base que a liberdade, isto é, sobre o direito: subordinará a força á intelligencia; dissolverá o motim e a guerra, essas duas formas da barbaria: fará da ordem a lei dos cidadãos, e da paz a lei da nação.

Silva Jardim triumphará porque, em todas as carreiras, o successo pertence ao estudo, ao trabalho, á moralidade: é a recompensa bem merecida da perseverança.

ANTONIO LEAL LOBO, nasceu nesta capital em 1868. Professor, jornalista, orador, poeta e escriptor. E' autor do livro A Carteira de um Neurasthenico. Falleceu nesta cidade em 24 de junho de 1916.

O cavaco no Kamada

A alma daquellas reuniões, o typo principal em torno do qual se vinham grupar, era o Xandico, o Xandico da Conceição, antigo voluntario do Paraguay, secretario de quase todas as irmandades devotas da cidade, corrector de escravos no tempo da monarchia e agora thesoureiro do Banco de Credito Rural e fornecedor do Asylo da Piedade e de mais duas ou três instituições pias.

Aquelle homem era uma chronica viva de todos os factos escandalosos e anormaes occorridos no Maranhão, dêsde os tempos da independencia. Sabia tudo na ponta da lingua, enumerava-os um por um com uma rica profusão de detalhes, imitando o geito dos protagonistas e acompanhando a narração de uma mimica especial e sugestiva destinada a augmentar e completar o poder evocador das palavras. Os mais recentes tinha elle assistido todos, porque vivera sempre imiscuido em todas as intrigas que cheirassem, mesmo de leve, a escandalos; dos outros, dos mais antigos, tivera conhecimento pelas narrações que lhe faziam os velhos do seu tempo, mas garantia-lhes a veracidade com o mesmo calor com que o faria se delles houvesse sido testemunha occular.

De estatura mediana, cheio de corpo, o rosto vermelho no qual branquejavam os bigodes fartos e encanecidos, o cabello cortado á escovinha e a barba sempre por fazer, o Xandico prestava honra aos seus cincoenta invernos bem puxados.

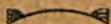
Nunca tivera uma doença séria, uma dessas enfermidades graves que abatem e minam os mais só-

lidos organismos deixando-lhes no fundo um germen mórbido incuravel. Affrontava impávido todas as intemperies, não se resguardava das correntes de ar, não fugia á humidade, e o seu estomago costumava dizer, «não conhecia quando era dia, nem quando era noite».

—Hoje já não ha disto, gostava de declarar. Esta geração de agora não vale dois caracoés. São todós uns fracalhões, cheios de mazellas e de achaques, derreados ao primeiro encontro. Eu, não, não ha mal que me entre...

Tambem soube conservar-me. Não me comecei a estragar muito cedo. Tinha dezeseis annos e ainda não sabia que gosto tinham: uma fumaça de cigarro, um gole de aguardente e um beijo de uma mulher.

E por ahi seguia, a traçar o panegyrico da educação antiga pela comparação flagrante com a da actualidade.



ASTOLPHO MARQUES, contista e escriptor, nasceu em 1880. Escreveu A vida maranhense (contos), Natal, Quadros maranhenses. Falleceu a 28 de maio de 1918, nesta capital.

De Natal

Na sala, os pares cruzavam-se e já soavam palmas para a prevenção da quadrilha.

Subitamente, entra o Manuel Severo, um dos convivas do anniversariante, e esbaforido, atordoado ao extremo, annuncia que, cravando uma lança na Africa, conseguira a visita dos Reis da Anna-Boi ao tugúrio do Irineu.

Este recebeu a noticia com prazer.

Era um achado, um meio de prender os dantes até ao amanhecer, qual era o seu desejo ardente. Como já se tinha servido a primeira mesa, a dos as-

sados, elle reservaria para mais tarde a segunda, a de chocolate com dôces e os Reis seriam fartamente obsequiados. E depois, considerava, a visita não lhe traria prejuizo, pois onde comiam cinco, comeriam nove, forçosamente; era dogma e suppunha elle que até consagrado no Evangelho. Era só reforçar o chocolate e torrar nova remessa de café, fazendo-se esta ultima operação, para evitar a fumaça na casa da vizinha.

Acode-lhe, porem, um contratempo. O seu santuario, herança estimada da madrinha, estava em concerto na loja do Rufino e os tres santos que nelles se encerravam jaziam na casa do Virgilio santeiro, reencarnados, aguardando a volta do santuario para serem bentos e tornarem á mansão.

Mas o Manuel Severo correu logo a arranjar um Menino Deus, tarefa que lhe não foi difficil, pois pouco tempo decorreu para que sobre a commoda do Irineu, antigo móvel de angico, bellamente trabalhado, se encontrasse reclinada, entre odorifera murta e alvos jasmims, num engenhoso altar, uma linda imagem do Filho de Deus. O baile atroára novamente com fragôr.



JOAQUIM VESPAZIANO RAMOS, nasceu em Caxias, no anno de 1884. Poeta inspiradissimo e muito recitado. Publicou um livro admiravel: Coisa Alguma. Falleceu em 1915.

Samaritana

Piedosa e gentil Samaritana:
Venho de longe, tremulo, bater
A' vossa humilde e placida cabana,
Pedindo allivio para o meu viver.

Sou perseguido pela sêde insana
Do amôr que anima e que nos faz soffrer...
Tenho sêde de mais, Samaritana,
Tenho sêde de mais: quero beber!

Fugís, então, ao misero que implóra
 O saciar da sêde que o consome,
 O saciar da sêde que o devóra?

Peccais, assim, Samaritana! Vêde!

—Filhos, dai de comer a quem tem fome,
 —Filhos, dai de beber a quem tem sêde.



HUMBERTO DE CAMPOS, nasceu em Miritiba, a 25 de outubro de 1886. Poeta dos melhores e escriptor apreciadissimo, percorreu quasi todas as veredas da litteratura com felicidade e valor. Deixou Poeira, 1.^a e 2.^a series, poesias; Lagartas e Libélulas, Carvalhos e Roseiras; o Brasil Anedótico; Memórias, Autobiographia, etc. Falleceu no Rio de Janeiro, em 5 de dezembro de 1934.

O brinquedo roubado

A nossa mudança de Miritiba, onde meu pai era tudo e não nos faltava nada, para a Parnaíba, onde éramos nada e nos faltaria tudo, começou a infuir, muito cedo, na formação do meu character. Eu reconhecia intimamente a inferioridade da minha condição. No meio de primos que possuíam pai, e cujo pai os podia cercar do necessario e do supérfluo, doia-me o tratamento que me davam, quando era encontrado sozinho, e que se modificava um pouco na presença de minha mãe. Eu era um menino feio, retraído, desconfiado. Nada, em mim, attrahia a sympathia alheia. E como não havia um espirito estranho e intelligente que procurasse estabelecer o contacto do meu coração com o mundo, ia se formando na minh'alma um surdo sentimento de revolta, uma queixa amarga e silenciosa, contra as desigualdades estabelecidas pelo Destino.

Foi a noção dessa inferioridade clamorosa que me levou á prática do primeiro acto reprovável, em que

o castigo severo, contribuiu apenas, para fixar no meu espirito a extensão daquella injustiça.

Eu fui um menino que não possuiu, parece, jamais, um brinquedo delicado. E' provável que meu pai, nass uas viagens ao Maranhão me levasse alguma lembrança desse genero. Mas eu o perdi aos seis annos, e, depois de orphão, minha mãe não podia dispende quantia, mesmo insignificante, com uma gaita, um boneco ou um pandeiro. No meu aniversario, ou no de minha irmã, seu brinde consistia em servir o nosso almoço fora da mesa, improvisando um «banquete» sobre um caixão de kerosene, coberto com uma toalha de rosto. Nêsse dia comiamos em pires, elevados á condição de pratos da nossa festa. Certa vez houve, mesmo, um pouco de «vinho», preparado com agua, vinagre e assucar, e que enchia um pequeno vidro de «Xarope de Cambará». Minhas distrações de infancia, desde que chegámos a Parnahíba, limitavam-se a fructos de Jatobá, em que eu punha pernas e chifres para a formação de boiadas; á fabricaçào de arapucas para apanhar as rôlas mariscadeiras do quintal; e á de papagaios de papel, que eram o maior encanto das minhas tardes vadias. Às vezes, quando encontrava um lapis ao alcance da mão, transformava-me em desenhista e, deitado no chão, pintava, em cada tijolo do alpendre uma paisagem, ordinariamente uma casa com algumas arvores á frente ou ao lado, e uma estrada tortuosa que lhe terminava á porta. Houve, tambem, uma epocha, dos oito aos dez anos, em que os meus cuidados se voltaram para os carretéis de linha. Cheguei a possuir cêrca de duzentos, brancos uns, pretos outros. Constituiam dois exercitos, comandados pelos generais, que eram os carretéis maiores. Punha-os em fórmula, alinhava-os militarmente, para a batalha, e, com um limão, derrubava-os a tiros de artilharia, ora de um lado, ora de outro. Entre esses carretéis havia que eram verdadeiros heróis; en-

travam em seis ou sete combates seguidamente, e não cahiam. O limão respeitava-os como as granadas a Bonaparte. Se ha um Cornelio Nepote no mundo dos carretéis vãos, alguns dos meus devem ter o seu nome na história dos grandes capitães. Terminadas, porém, as luctas a que os submetia, eu enfiava os meus dois exercitos em um barbante, e pendurava-os num prego do alpendre. Fazia, em summa, com os meus soldados o que fazem com os seus os politicos, depois de servidos. . . Todos os meus brinquedos eram, como se vê, brinquedos de menino pobre. Nenhum vinha da loja.

E' de imaginar, pois, o alvoroço intimo que me assaltou quando, um dia, tive sob os olhos uma caixa de brinquedos. Eu devia ter oito anos e estava, com minha mãe, em visita, na casa de um dos meus tios, quando, uma tarde, mandaram pedir no estabelecimento comercial de Pires, Almeida & Cia., que ficava proximo, alguns brinquedos, para escolher. Haviam chegado do Maranhão algumas duzias dêles, e todas as crianças afortunadas tinham tido noticia do acontecimento. A criada voltou com a encomenda e foi deslumbrado que vi abrir-se a caixa maravilhosa. Eram pequenos brinquedos de lata, pintados de azul, de amarello, de verde ou de vermelho: carruagens, bondes, locomotivas, navios — um sortimento capaz de revolucionar Liliput. Custava 400 réis caca um.

Olhos ávidos, coração batendo forte, eu vi passarem dois brinquedos daqueles para as mãos venturosas da minha prima e do meu primo pequenos. Ninguem se lembrou de mim. Ninguem se apercebeu da minha tristeza, ao ver-me esquecido. Ninguem viu que ali estava um menino órphão, mais infeliz que as outras crianças, e que, por isso mesmo, precisava, mais do que as outras, de uma esmola de alegria. Escolhidos os dois brinquedos, fechou-se a caixa, que a rapariga deixou sôbre uma cadeira da sala de jantar, emquanto ia ao interior da casa

Quando ela saiu para ir á loja com sua carga preciosa, eu a acompanhei. Não sei se eram os outros brinquedos que me atraíam ou se era o remorso, a consciencia da culpa que me arrastava. Ia como um automato. Ia como quem marcha sôlto, mas sem poder fugir, para o lugar em que se levantava o patibulo. Chegados á loja, o commerciante derramou a caixa de brinquedos sobre o balcão.

—Ficaram com dois,—informou a criada, entregando os oitocentos réis.

—Dois, não ; tres...—declarou o dono da loja.

Recontou os brinquedos e insistiu :

—Falta um... Diga lá que falta um...

Voltámos. O coração batia-me como se me quizesse vir á bocca tomar fôlego. Eu devia estar livido, transfigurado. A rapariga deu o recado á minha tia. E todos os olhos se voltaram de prompto para o menino orphão.

Não me recordo, hoje, o que foi que aconteceu. Entreguei o brinquedo, um pequenino carro pintado de vermelho, que havia escondido atraz de uma porta. Apanhei, com certeza, a minha surra. Fui apontado, sem duvida, ás creanças felizes e que tinham pai, como um menino mau, e de costumes tristes. E o brinquedo foi restituído ao commerciante, com a declaração de que havia cahido sôbre um tapete, no momento de abrir a caixa.

Foi esse, na minha vida de criança, o unico brinquedo bonito, e de loja, que possuí. Posse criminosa e precaria. Alegria misturada de soffrimento, e que durou um instante. Contentamento intimo que terminou em humilhação ostentosa. Festa de alma que se tornou agonia.

E que tem sido para mim, pelo resto da vida, a felicidade, senão um brinquedo roubado, que eu escondo, que eu dissimulo assustadamente no coração, e que, no entanto, descobrem, e me tomam, quando custaria tão pouco me deixarem com elle?

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA VALLE, (visconde do Desterro) nasceu nesta capital, a 15 de julho de 1823. Espirito eminentemente culto, de uma illustração variadissima, jornalista brilhante, orador eloquente e poeta. Como consul geral do Brasil na Suissa, falleceu em Genebra, a 3 de fevereiro de 1899.

O amor da liberdade

Não ha sentimento algum no coração do homem, que mais predomine, e maior imperio tenha sobre nós, que o amor da liberdade: por elle sacrificamos as mais doces affeições—arrostando os maiores perigos e desprezamos a propria morte.

Embora nos curvemos por um pouco ao jugo do captiveiro, o fogo dessa santa paixão, que tanta vida nos dá, não morre em nossos peitos: porque o amor da liberdade é a alma da nossa vida—sem ella não somos homens—sem ella não podemos com dignidade existir: pode seu fogo tornar-se menos activo, menos violento:—podem os continuos opprobrios, e as barbaras vexações attenuar e enfraquecer esse sentimento—podem até mesmo parecer extingui-lo— porém seu desaparecimento total somente se opera, quando a alma desampara o corpo, que anima—quando a morte nos roubar a vitalidade, e nos arremessar ao tumulo: porque o desejo de gosar a liberdade, com que nos dotou o Creador, nunca fenece em corações de homem; e nesse mesmo estado de abatimento moral, em que nos colloca a oppressão, se houver uma voz, que se levante e brade—liberdade—o doce e arrebatador echo desta celeste palavra, retumbando pela amplidão do espaço, irá qual chamma electrica, de chofre despertar nos peitos, que jaziam desacoroçoados e sem alento, os brios e os enthusiasmos.

Oh! doce e celeste liberdade? Dadiva dos ceus? Prenda mais querida dos mortaes? quem não amará

tuas doçuras? quem por ti não affrontará a morte para quebrar os ferros do captiveiro?!

E quem pode tirar-nos o poder moral de ser livre?!

Quem pode prender os vôos da imaginação, e as azas dos pensamentos?! Quem pode ir ao centro do coração, e alevantar ahi o seu throno de despotismo?!—Quem?!—e á esse que se levante,—eu direi—mentes—O homem é livre—e sempre livre morrerá—Podes encerra-lo em tuas humidas e estreitas marmoras—podes martyrisa-lo com teus atrozes castigos—podes até tirar a propria existencia—porém nunca a liberdade:—a liberdade é um poder congenito com a vida do homem, e que com o homem vae ao tumulo—á força de repetidos tormentos podes concentrar no coração do homem fraco essa sublime faculdade, podes aterrar espiritos covardes, e sugeita-los ás tuas ordens—porém jamais torna-lo sem essa qualidade. Quando porém quizeres violentar um espirito forte... um espirito que conheça seus direitos—elle morrerá, mas não será escravo.



GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA, nasceu nesta cidade, a 25 de março de 1835. Bacharel em direito, poeta e jornalista.

Publicou Clara Verbena, poema em dois cantos, Entre o ceu e a terra, artigos e folhetins, Sonidos versos, Tres Lyras, collecção de poesias.

Falleceu em 25 de julho de 1876.

O Oiteiro da Cruz

I

Longe, bem longe do rumor confuso,

Em meio á solidão,

Ergueu-se em sitio escuso e pobre em sitio escuso

Uma cruz sobre o chão.

Nó logar onde agora ellã domina
 Um combate se deu.
 Prelio de morte, acção valente e dina
 De um bem digno trophéo.

Erguida sôbre o outeiro, a cruz aponta
 Num deserto logar,
 Tendo por cirio o astro que desponta,
 Por pedras tendo o altar.

Tem por docel o desdobrado manto
 De um ceu, que é seda e luz,
 E a noite, que se envolve em mesto encanto,
 Vela os braços da cruz!

A brisa da manhã ligeira e leve,
 Beijando o matto e a flor,
 Passa tambem no gyro que descreve
 Da cruz sempre ao redor.

E deixa no correr algumas flores
 Ou folhas sobre o chão;
 Prova do muito amor dos seus amôres
 Ao symb'lo do christão.

Do sol o raio que fulgente assôma
 Reflecte sobre a cruz,
 Como no Colyseu da altiva Roma
 Da lua a frouxa luz.

E aquelle, que alli passa, alli demora
 O tardo ou presto andar,
 E o feito de outras eras rememora,
 Seguindo a meditar.

Deixa, porém, na base do moimento
 Um ramo ou folha ou flor,
 Que alli murcha e fenece em quanto o vento
 Ao longe a não vai pôr.

II

Moimento secular, marco de gloria
 Tu és, oh nobre Cruz!
 Que respetos não gera a tua historia?
 Que feitos não traduz?

N'este oiteiro onde humilde tu dominas
 Renhida a lueta foi!
 Cada qual foi leão n'estas collinas;
 Heroe, gigante, heroe!

Aqui da guerra o grito horrendo e grosso
 Se fez medonho ouvir.
 Fez-se bravo o cobarde, o heroe colosso,
 Leão no seu rugir.

O tacápe e o fuzil, a espada e a flexa
 Causaram sangue e dôr.
 Este com vida áquelle, ai! que não deixa,
 Nem mesmo vencedor.

E do bravo o gemido, o ai raivoso
 No derradeiro adeus,
 Perdeu-se em meio á grita; e o lamentoso
 Morreu surdo entre os seus.

Retincto o solo de sanguinea espuma,
 Coberto aqui ficou.
 E a mão do vencedor corpos arruma,
 E os mortos enterrou.

.....

Hoje, á noite, se o vento silva e corre,
 Batendo sobre o chão,
 Como se desse em vão na mesma torre
 Ou n'um penhasco em vão.

Nenhuma voz do soterrado accorda,
 Um murmurio siqúer.
 E vai zunindo pela estrada á borda
 Longe, longe morrer.

.....

Descanço eterno, a morte vos proteja
 Valente lidador !
 Se em vossa campa o goivo não floreja,
 Surge della o valor.

Mão tendes da perpétua a triste corôa,
 Nem lousa funeral ;
 Mas um hymno de gloria vos entôa
 O canto triumphal.

Mas esta Cruz erguida ao povo explica
 Nobrezas de uma acção.
 Que é santo este logar bem ella o indica,
 Pedindo uma oração.

Descanço eterno ao luctador que ousado,
 Valente aqui luctou.
 Se o seu corpo no pó foi enterrado,
 Sua alma aos céus voou!

Bateu-se pelo amor da liberdade,
 Pela patria morreu.
 O sublime valor da heroicidade
 Ganha os louros do ceu.



THEMISTOCLES ARANHA, nasceu em S. Joaquim do Bacanga, a 8 de agosto de 1837. Professor distincto e culto jornalista. Abolicionista fervoroso, por conta propria, libertou os sens escravos, dando prova cabal do seu grande espirito humanitario.

Foi socio correspondente do Instituto Historioco e Geographico do Rio de Janeiro e da Sociedade de Geographia de Lisbôa.

Falleceu em 27 de abril de 1880, nesta cidade,

Despedida

Depois de mais de 25 annos de um exercicio apenas interrumpido, nos primeiros tempos, por curtos periodos, deixo hoje de ser jornalista.

Depois de uma existencia de mais de 20 annos, desde 28 de abril de 1863 nunca interrumpida, deixa hoje de existir o «Paiz».

Retirando-me da imprensa, posso com orgulho dizer que nella militei só dominado do desejo, que em todos os actos de minha vida me tem acompanhado—o desejo de promover o desenvolvimento intellectual e moral desta terra.

E essa foi por conseguinte a missão que desempenhou o «Paiz» durante sua existencia.

Não deve desaparecer um jornal da natureza

deste sem que o leitor, que já está com elle habituado, seja informado do que motivou esta resolução.

Ha muito tempo luctava o «Paiz» com grandes difficuldades para manter-se, desde que sua publicação, de tres vezes por semana, passou a ser diaria, pois duplicou-lhe a despesa e pequeno augmento teve a receita.

Isto obrigou-me a sacrificios enormes, até que, esgotados todos os meus recursos, veio uma sociedade em commandita amparar o jornal.

Vendo, porém, eu, depois de um anno' de formada a sociedade, que o estado financeiro da empresa não melhorava, dei disto conhecimento aos socios commanditarios, áquelles que tão generosamente me auxiliaram, e a quem a maior gratidão devia; e em vista da escripturação, que lhes foi apresentada, e do que lhe expuz, resolvemos suspender a publicação do jornal.

E' este o unico motivó por que desaparece o «Paiz».

Não desaparece o jornal, porque os lucros auferidos pelo seu proprietario colloquem a este em posição de não precisar trabalhar. Muito ao contrario. Pobre entrei para a imprensa e mais pobre ainda saio della. Tinha então 20 annos e era solteiro; hoje tenho mais de 40 e numerosa familia.

Não se rompe com habitos inveterados sem sentir-se grande abalo, não se deixa uma profissão que se exerce sem a interrupção de um só dia, por mais de 20 annos, sem um profundo sentimento; e assim pode cada um avaliar o que me vai na alma vendo desaparecer o «Paiz», este jornal que creei, que sustentei até o impossivel.

Mas como não ha dor sem lenitivo, resta-me a consolação de retirar-me da imprensa sem a ter deshonrado, de ter sustentado o jornal no mais elevado nivel do conceito publico.

Aos bons e velhos assignantes do «Paiz», a todos que o auxiliaram, minha eterna gratidão.

Aos meus companheiros de trabalho, meus amigos, esses honrados operarios, que desde a fundação do jornal o não desampararam e a seus companheiros de officina, qrofundo reconhecimento.



FRANCISCO FRUCTUOSO FERREIRA, nasceu em 1850, mais ou menos. Distincto poeta maranhense e de singular inspiração. Falleceu nesta cidade, na segunda decada deste seculo.

O Extase do Sol

“A pyra magistral do Deus dos arrebóes
o vermelho brazão dos fulvos pôr de sóes,
lastrára o azul de flammás senhoris
dos tópasios a flux, dos sangrentos rubis !
E uma voz divinal... uma epopéia alfim
rolava pela tarde, em flôr, dizendo assim :
—Exulta Eternidade... Exulta Magnetismo!
—O que o Abysmo escreveu, com rubra mão, no abysmo
sobre a lámina dos sóes, este eterno avatar :
Sonhar !... sonhar... sonhar... sonhar... sonhar... sonhar !...
.....

Morria a tarde emfim. Dos porticos do Oriente
s'erguia, como o mar, d'entre frouxéis d'espumas,
o Deus nocturnal d'entre festões de brumas
d'ambrosia do Azul sob a volupia ardente,
em pranchas de Céos, em éstos babyloneos,
—Estatuas de visões, os Rhodes dardejantes
dir-se-iam Astartés, chaldaicas, deslumbrantes,
sob um culto auroral de opálas e favonios ;
e no espaldar do abysmo em fogos coruscantes
rebolcava-se a Luz. Sorriam thuricrêmas
flores entre florões de faustos diamantinos
numa infusa Babel de scismas e de gemmas,

nas fimbrias auriazues dos amplos horizontes
 projectando nos céos zimborios reluzidos,
 rhodicos, repousando em hombros de Phaetontes,
 Templos monumentaes á excelsa Urania erguidos,
 templos d'escadarias adumbrando esferas
 onde cantava o oiro e os marmores e argentos
 e piches d'escarlata e ardentes chrosmospheras,
 polyanthéas d'estrellas e deslumbramentos
 rolando em borbotões dos collos as turquezas
 vinham perolejar os halos das estrellas
 e as comas auroraes de Virgens druidezas,
 o mago rosiclér das fulgidas umbellas
 perdidas no alto mar das vastidões ceruleas
 na iribrilhante alfombra com flocos de ardentias
 genuflexas ardendo em scismas de hyperdulias
 Chiméras e Vestaes cercadas de Utopias.

.....
 Oh! Quem f'esculturára as naves diamantescas
 Noite!... Noite divina! Oh gloria que deslumbras?
 —Quem fôra o Archi-pintor d'essas turbilhonescas
 conflagrações de luz e trévas e penumbras?
 Em meio de brocáteis dos fulgidos mosaicos
 que esmaltaram teus céos Venezas adriaticas
 serpeiam no crystal dos seus jardins chaldaicos
 sobre ervinhas de luz, esplendidas, extáticas”.



JOSÉ PEREIRA DA GRAÇA ARANHA, nasceu nesta capital, a 21 de junho de 1869. Como escriptor correcto e brilhante é um dos maiores que o Brasil tem possuido. Escreveu o formoso livro Chanaan, Cidade Maravilhosa e outros. Falleceu no Rio de Janeiro a 26 de janeiro de 1931.

Belleza

Num instante divino eu vi realizado na minha
 raça o milagre da Belleza... E uma raça em que se
 produziu esse milagre, está salva na hora da Ressur-

reição, que é a Remota e a inatingível Posteridade. Nessa grande e acabrunhadora desordem de um mundo em formação, só tú és perfeita! A tua serenidade é a revelação de um ideal longinquo para que caminhamos. Tú és a tranquilla flôr mystica da eterna animalidade, perpetuamente creadora. As tuas linhas de livre expressão foram ligadas secretamente na transformação violenta e imperceptivel da especie. Cada traço da tua forma representa seculos e seculos de esforços indomaveis. Cada linha veiu vencendo, devastando, desprezando e amando, passando e se purificando em rios e rios de sangue mais e mais, até se ajustar áquella outra linha que fez a mesma dolorosa perigrinação para chegar á alegria da Unidade perfeita... E' assim a tua Belleza! Ella não traduz nem o esforço nem o entusiasmo da victoria, porque como uma força da natureza ella se ignora a si mesma, no abençoado esquecimento da inconsciencia. A tua Belleza tem as suas remotas raizes no Passado. O artista foi o Tempo subtil e infatigavel, Oh! divina! E a revelação desta hora é o toque creador do meu genio..

Somente uma milagrosa mutação na fatalidade da nossa pro genie poderia crear essa Belleza. Ella é nobremente o contrario da nossa natureza. Nada nella traduz a exuberancia, a seiva, a vida tropical. E' o posto de nós mesmos e por isso é a volta mysteriosa ao classico, ou talvez seja o triumpho sobre nós mesmos... És unica! No teu grande isolamento, na singularidade da tua expressão, paira a melancholia de uma magnifica solidão esthetica. Nada em nossa vida está em harmonia com a tua Belleza. Falta-nos em tudo a tua graça risonha e serena, que esconde o esforço secular. E' preciso voltar á Grecia para entender o teu mysterio. Ah! a civilização chegou a uma unidade integral com a vida. Não havia disparidade entre a obra da natureza e a criação do homem. A fonte de Aspasia valia o frontão do Parthenon. Aqui, nada

na criação humana é digno de ti. E o mundo tragico da natureza tropical deve serenar os seus ardores para o teu pleno e bemfazejo reinado esthetico. E á hora do crepusculo é o grande instante da tua Belleza; a crueldade da natureza se extingue, as cores e as formas se espiritualizam e nessa brandura e meiguice de mundo, tu flôr humana, te ergues vaga, etherea, irreal como a alma do Universo... O crepusculo não é a morte. E' a hora da vida mysteriosa das formas sonhadas, que apparecem ao vidente quando o fogo, em que se consomem o sol e as outras estrellas, se amortece. E' a hora da ressurreição triumphal da côr...

Tú és a idealidade que eu busco soffrego, inquieto n'uma energia formidavel de forças subterraneas. És o milagre helleneo n'uma civilização de expressões barbaras. És a minha consolação, a minha maior commoção esthetica. És a Arte e Vida. E a tua Belleza me guia e foi ella que deu a revelação intensa ao meu genio. Ella gerou em mim o milagre da harmonia e da graça. Para mim, para todo o Universo esthetico, o teu mytho é o do Anjo da Annunciação!



JOSÉ AMÉRICO DOS ALBUQUERQUES MARANHÃO, sobrinho, nasceu na Barra do Corda, em 1879. Um dos maiores poetas maranhenses, e prosador. Deixou os seguintes obras em verso: Estatuetas, Victoria Régia e Papeis Velhos. Falleceu em Manaus, no anno de 1915.

O Mar

Ouve! O mar escarpando as rochas, na agonia do sol, parece ter na voz humano accento de dôr! Reza, talvez. Vae recolher-se. O dia se ajoelha e a tarde, em sonho, abraça o firmamento!

Como nós, pôde ser que a tristeza e a alegria
o mar sinta também; precisa, em movimento,
trazer um coração... Quem sabe o que irradia,
no seu intimo, em doce e azul recolhimento!

Escuta! Uma onda vem beijar-te os pés. Não hade
calma os seios rasgar sobre os basaltos. Quérulas
as ondas todas são. Ouve-lhe a voz. Piedade!

O mar leva-me a crer que tem paixões mortaes
em que rolam, brilhando, as lagrimas das perolas
e palpita, fervendo, o sangue dos coraes...



AUGUSTO OLYMPIO GOMES DE CATSRO, nasceu em
Alcantara a 7 de novembro de 1836. Formou-se em direito,
no Recife. Grande orador do parlamento brasileiro e nota-
vel politico. Em nosso Estado trabalhou na imprensa, re-
velando-se polemista vigoroso, ironico e mordaz. Redigiu
tres jornaes o «Tempo», o «Nacional» e a «Situação».
Falleceu no Rio de Janeiro, em 31 de janeiro de 1909.

Entrada e expulsão de extrangeiros

No art. 72 está encarnado o pensamento da cons-
tituinte. Entende este, de accordo com as tendencias
mais liberaes, que, entre as garantias dos direitos in-
dividuaes dos brasileiros e extrangeiros, devia haver
perfeita identidade, pois em uns e outros o titulo de
taes direitos é a natureza humana, existem antes da
constituição, e que a unica differença a estabelecer
devia limitar-se aos direitos politicos, porque são estes
os que a constituição cria, e cujo exercicio interessa
particularmente á existencia dos poderes públicos.

Tenho até aqui tratado unicamente da expulsão
do extrangeiro; mas o projecto dá também ao gover-

no a faculdade de prohibir a entrada no paiz. E o nobre senador pelo Paraná acha tambem que isto está de accordo com os principios, desde que se trate de anarchistas, de homens perigosos. E para assegurar melhor o exercicio de tão formidaveis attribuições, arma o governo do direito de applicar a pena de tres annos de prisão ao estrangeiro expulso ou a quem foi vedada a entrada no paiz, si nelle entrar ou si a elle voltar, e tudo isto em virtude dos principios e da soberania, e contra texto expresso da constituição, que só ao poder judiciario confiou a incumbencia de punir os crimes. E é, entretanto, o nobre senador quem deseja e quer que a constituição seja executada tal como sahiu das mãos de seu auctor!

Com effeito, snr. presidente, no n.º 10 do art. 73 dispõe a constituição: «Em tempo de paz, *qualquer* pode entrar no territorio nacional ou d'elle sahir, com a sua fortuna e bens, *quando e como lhe convier*, independente de passaporte».

A este texto, absoluto e geral, accrescenta o snr. senador pelo Paraná, de accordo com os principios, *menos os anarchistas*. Estes só entrarão si o governo quizer.

Anarchistas... Mas senhores, quantas vezes as condições de um paiz convertem o individuo a indole a mais ordeira em um verdadeiro anarchista? O verdadeiro revolucionario não é o que perturba a paz, e ataca a auctoridade, é sim quem exgotta pelas violencias a paciencia humana, e força a empunhar as armas para salvar a honra e a vida (*Apoiados*). Governos violentos e tyrannicos, situações intoleraveis, a exaggeração dos impostos, a penuria extrema, a falta de trabalho ou a insufficiente remuneração d'elle, tudo isto reunido leva ao desespero, e converte o infeliz em anarchista. Porque recusar-lhe a entrada em um paiz cujas condições são inteiramente outras, e no

qual o foragido da patria não encontra mais os estímulos que o impelliam á desordem?

Temos um sólo vastissimo e deserto, queremos povoal-o; não devemos, pois, fechar os nossos portos a quem nos procura, só porque na patria que abandona porque não soube ou não pode retel-o, ganhou fama de anarchista, ou não pode exhibir attestações de pureza virginal, de obediencia passiva ás ordens da auctoridade, de cumprimento dos deveres civicos.

A planta, que não pode vegetar no terreno patrio, por falta do necessario amanho, pode tornar-se melhor no terreno alheio, na phrase do poeta, si nesse encontra as condições desejaveis.

Snr. presidente, não darei a governo nenhum as formidaveis attribuições que contém o projecto, embora possam justificar-as com as praticas de outros povos. Devo todo o meu respeito á constituição do meu paiz, que as repelle e não quero comprometter os seus interesses, que estão dependentes da immigração.



FRANCISCO DIAS CARNEIRO, nasceu em Passagem Franca, em 1837. Poeta, magistrado, parlamentar e industrial. Espirito culto e progressista, passou a maior parte de sua vida em Caxias.

Falleceu no anno de 1896.

Excerpto d'uma poesia

Já vejo as altas palmeiras
 Dos bosques da minha terra;
 Meus barqueiros, cerra! cerra!
 Té chegar no meu sertão:
 Tenho saudade das noites
 Que só gosa o sertanejo,
 Ha bem tempo que não vejo
 Desafio no serão.

Quero ver de novo as varzeas
 Onde pasta o bizerrinho,
 Onde occulto no caminho
 Canta á noite o jacamim ;
 Quero gozar essas brizas,
 Que passam sobre a lagôa
 Pelas margens, que povôa
 Sem çultura alvo jasmim,

Quero ver pelas montanhas
 O lento pingar do orvalho,
 Se embebendo no cascalho
 Como nos seios de irman—
 E as flores alem nos valles
 Mais perfumes exhalando
 Nas azas da aragem—quando
 Das nuvens desce a manhã :

Quero ouvir tambem á tarde
 Quando o silencio penetra
 A doce voz que interpetra
 Dos bosques o encanto e a dor !
 Quero ver do alto rochedo
 No horisonte de palmeiras
 De palha por entre esteiras
 O sol rodando ao se pôr.

Tenho saudade das festas,
 Que fazem na minha terra,
 Onde a viola na serra
 Seus harpejos faz soar:
 Quando a lua côr de prata,
 Nos serões da cercania,
 Correm versos á porfia
 Como as folhas sobre o mar ;

--Onde a bella sertaneja,
 Vergonhosa e feiticeira,
 Pucha dança por fieira,
 Como aqui não sabem, não:
 E lançam meigos, serenos,
 Seus olhos tão indolentes,
 Que de amores innocentes
 Fallam vivo ao coração.

Já sinto o meu peito alegre
 Mais folgado nestes ares,
 Este ceo longe dos mares
 E' o mais terno e varonil:
 Por aqui já se respira
 O agreste aroma das flores,
 Que matisam de mil cores
 Os campos no mez de abril.

O viço deste arvoredado,
 O cahir destas folhagens
 E o rumor destas aragens,
 De flores toucando o chão,
 Tudo isto é já sertanejo,
 Meus barqueiros, cerra! cerra!
 Té chegar na minha terra
 Que eu só vivo no sertão.

CANDIDO MENDES DE ALMEIDA, nasceu no Brejo em 1818. Formou-se em Olinda. Professor, geographo, historiador e senador do Imperio. Foi um dos homens mais notaveis do Brasil pela sua grande eruoição. Escreveu o Direito civil ecclesiastico brasileiro (4 volumes), o Atlas do Brasil e outras obras de valor.

Falleceu no anno de 1881.

Pagina de Historia

Comprehendendo o antigo Estado do Maranhão, as capitancias do Piauhy, Maranhão, Grão-Pará e Rio

Negro, hoje Amazonas, a historia de cada uma dellas se acha tão intimamente ligada até 1774, epocha da divisão do Estado em duas capitánias geraes independentes, ou melhor até 1816, quando se creou o Reino do Brasil; que parece de razão que as memorias e documentos relativos á esses territorios se collecionem em um só corpo, a partir do anno de 1612, epocha em que começou a vingar a colonisação e conquistas portuguezas.

Os archivos da França, Portugal, Hespanha, Inglaterra e Hollanda contém preciosos documentos para a nossa historia, que conviria solicitar e, adquirindo-os, promover pela imprensa sua organização; constituindo, por assim dizer, um armazem rico de factos, e adaptado ao fim que temos em mira.

Convém muito que possuamos uma historia, digna por sua forma e veracidade, da posição que já occupamos; e que viremos occupar um dia no globo; quando a America, amparada de dous oceanos, sem receios de invasões barbarescas, sob o impulso da mais eminente civilisação, a christã, de que será a herdeira e mantenedora, souber sustenta-la com a sua hegemonia por todas as regiões da terra. Futuro immenso e glorioso, sem duvida, reservado por sua miraculosa situação, a tão bella quão feliz parte do mundo!

O que portanto fizeram nossos antepassados de grande e de notavel deve-nos merecer o maior zelo e respeito, porque ha sobre esses esforços que assenta a grandeza do colosso, de que tanto nos orgulhamos. E' nosso patrimonio, nosso estimulo, e nossa gloria.

Não temos uma historia completa; temos retalhos alcunhados com esse nome; alguns não são mais do que copia dos precedentes, distinguindo-se apenas pelo estylo mais ou menos correctos, disposições das materias, ás vezes nenhuma idéa adeantando, quanto as epochas notaveis de nossa historia, e ao que é em

geral bem conhecido. A causa desse facto provém da falta de documentos e memorias contemporaneas impressas, que muita luz pode dar, esclarecendo, rectificando, o que ha de incorrecto e innexacto com a auctoridade de algum nome.

E pelo que respeita ao territorio, cuja historia desejáramos que fosse melhor estudada e apreciada, pouco ha vulgarisado; havendo ainda merito inedito, e de grande merecimento, sobretudo nos archivos de Portugal.

— — —

ANTONIO JOAQUIM FRANCO DE SÁ, nasceu em Alcantara, a 16 de julho de 1836. Era estudante de direito na faculdade do Recife quando falleceu em 29 de janeiro de 1856. Poeta de inspiração facil, delle ficou um livro de boas poesias, algumas de cunho humoristico.

Morrer cêdo

Como é triste morrer na flôr da vida,
Quando se tem um peito de poeta,
Quando o futuro vê-se cheio de flores,
E alem brilhante méta!

Quando da mente se conhece a força,
Quando palpita o coração de amor,
Quando tudo é risonho, tudo diz-nos:
A vida não é dor!

Quando idólatra mãe, toda ternura,
Quando extremoso pae, inda se tem,
Quando do mundo, que se julga bello,
Não soffreu o desdem;

Quando se phantasia altos destinos,
Para a patria que se ama com paixão,
Quando ao nome celeste—liberdade—
Nos pulsa o coração;

Quando a fronte n'os queima o pensamento,
 Quando se sente n'ella um não sei quê
 Que gloria nos promete no futuro,
 Como a André Chénier.

Quando tudo é assim, oh! como é triste,
 Como é triste tão cedo se morrer!
 Deixar os paes em pranto, a patria, o amigo,
 Que nos mandam viver!

Deixar tudo que o mundo tem de bello,
 Virtude—gloria—mocidade—amor—
 E os paes, coitados! que perdendo o filho,
 Estallarão de dor!

Meu Deus! oh! quão terrivel são as vezes,
 Quão insondaveis os decretos teus!
 Não serei eu porem—vil creatura—
 Qué accusarei meu Deus.



ANTONIO DE ALMEIDA OLIVEIRA, nasceu no Codó,
 em 1843. Publicista, jurisconsulto, parlamentar, pedagogo
 notavel. Deixou um livro bastante apreciado: O En-
 sino Publico. Falleceu no anno de 1887.

Escolas nocturnas

Tenho ouvido dizer que a sociedade só para os
 meninos pode estabelecer a instrucção obrigatoria. Os
 adultos que soffram as consequencias de sua igno-
 rancia.

O que parece ao leitor?

Para mim semelhante dicto é proprio de barbaros.
 Elle importa esse contracenso—A sociedade pode pu-
 nir até com a morte o ignorante que se torna culpa-
 do, mas não pode ministrar-lhe a instrucção que ha
 de afasta-lo do crime!

Isto só seria bastante para mostrar o valor do raciocínio, que o mesmo dicto traduz.

Não obstante direi ainda que elle é, além de injusto, perigoso e de funestas consequencias.

Injusto porque ninguem tem culpa de crescer na ignorancia e se alguem a tivesse, devia-se dar desconto a um erro proprio da juventude. O deixar, pois, o Estado, com pena, o ignorante na ignorancia, seria infligir-lhe um castigo immerecido.

Perigoso e de funestas consequencias, porque passada a meninice, a sociedade deve reconhecer no homem o direito de ser ignorante.

Os refractarios á lei do ensino obrigatorio completariam a idade escolar longe da escola, e depois se apresentariam ao Estado escarnecendo das suas prescripções.

Ora o Estado não pode ser impassivel ante os efeitos de uma tal relutancia!

A instrucção não é uma necessidade só da infancia e para a infancia.

O homem aprende quando menino para utilizar-se dos seus conhecimentos quando adulto.

Adulto mesmo a necessidade da instrucção é quotidiana. A vida inteira é um aprendizado de todas as horas, e tão imperioso que a instrucção da infancia fica incompleta, e tende a mingoar para quem a elle se não submette.

D'aqui se vê que para o Estado ha tanto interesse em dar instrucção á meninos como a adultos. As vezes até perde elle mais com um ignorante do que ganha com alguns instruidos.

Se, pois, apesar dos esforços que elle emprega, a sua rede educativa não apanha todos os menores, corre-lhe o direito e o dever de ir procurar na maioridade os infelizes escapos, e chamal-os para a escola, ou levar-lhes a instrucção lá onde se acham sem poderem adquiril-a.

EUCLYDES FARIA, nasceu nesta capital, a 26 de março de 1837. Poeta muito conhecido pelo humorismo do seus versos. Mudou-se do Maranhão por perseguição política motivada pela publicação dos Retratos a giz. Escreveu mais Arabescos (verso e prosa) e Cartas do Compadre Lourenço.

Falleceu a 11 de outubro de 1911, no Estado do Pará.

Soneto

O jaboty mais velho e já caduco,
Que não pode mexer-se de canceira,
E' mais veloz ainda na carreira,
Que o paquete chamado *Pernambuco*.

Quem viaja uma vez neste maluco
Promette não cahir mais n'outra asneira,
Afim de não levar a vida inteira
Como siry, p'ra traz, sobre o tujuco.

Como se fosse invalido pernetá,
Nunca pode fazer jornada franca,
Pela carga, que leva, da muleta.

Quem faz uma viagem nesta tranca,
Quando sahe da Pará com a barba preta,
Chega no Maranhão com a barba branca!

FRANCISCO OLYMPIO VIVEIROS DE CASTRO, nasceu em 1862. Homem de letras, professor de vasta cultura e jurisculto de nomeada. Exerceu o cargo de Juiz do Tribunal Civil e Criminal. Escreveu *Questões de Direito Penal e Jurisprudencia Criminal*.

Falleceu no anno de 1906.

A Liberdade profissional

E' certo que ninguem pode exercer uma profissão sem estar devidamente preparado, sem ter os conhecimentos technicos que essa profissão exige; mas

tambem é certo que esses conhecimentos podem ser adquiridos fóra do ensino official, fóra das faculdades, academias e collegios.

Pode-se aprender sem professor particulares, na convivencia de um ensino superior, na leitura dos grandes mestres, e principalmente na observação directa, pessoal e attenta aos phenomenos da natureza, pois a sciencia não é senão um complexo de factos, synthetizado em leis, factos, porem, que tanto foram apurados pela observação e pela analyse. Portanto, tão habilitado pode ser um medico que cursou a academia como o individuo não diplomado, mas que lê, estuda, reflecte, observa, que frequenta hospitaes, que ouve attento as luminosas selecções de um illustre professor ou lê na solidão do seu gabinete de obra magistral de um sabio glorioso. Demais, o diploma academico é apenas uma presumpção de sciencia, de habilitação mas não uma certeza. Com effeito, si é certo, tanto em nosso paiz como em qualquer outro, que das universidades e academias tem sahido uma pleiade de homens competentes, nomes que synthetizam e a sciencia de mais profundo, não é menos certo tambem que dessas mesmas universidades e academias sahem laureados com o diploma scientifico individuos crassamente ignorantes, deixando entre os seus contemporaneos uma opulenta collecção de anedoctas reveladoras da sua inopia intellectual, de seu espirito inculto e parvo. Mais ainda. Quem folheia os vastos repertorios das jurisprudencias estrangeiras encontra longa serie de sentenças condemnando, ora civilmente, ora criminalmente, medicos, architectos, parteiras, engenheiros, advogados, profissionaes, emfim, por manifesto erro de officio, por ignorancia da sua arte. E tinham elles diploma!

Mesmo nas luctas da vida pratica nem sempre é victorioso o verdadeiro merito. Se este seculo viu um judeu, o filho de uma raça odiada e proscripta, tor-

nar-se, pela grandeza de seu genio, pela energia da sua vontade, pela grandeza da seu patriotismo, chefe da mais poderosa aristocracia do mundo, primeiro ministro de uma grande nação, tem tambem visto principalmente nos povos cujo organismo está infeccionado do virus canceroso da politicagem, ser preterido o talento, a competencia, pela mediocridade intrigante e servil, que sobe como réptil, rogando-se submissa, docil, baixa.

Finalmente, se muitos individuos exercem uma profissão, uma arte, sem ter os precisos conhecimentos, tambem outros adquirem pelo unico esforço proprio, independentemente de qualquer titulo scientifico, tanta illustração, que tornam-se verdadeiras notabilidades.

Não era medico Pasteur, era um simples pharmaceutico; mas revolucionou a medicina de seu tempo, abrindo-lhe novos e vastos horizontes.



D. LUIZ RAYMUNDO DA SILVA BRITTO, nasceu em S. Bento em 1840. Arcebispo de Olinda. Professor, parlamentar e grande orador sagrado. O Bossuet maranhense.

Falleceu em 1915.

D'uma Carta Pastoral

Com respeito e amor de coração saudamos esta pleiade de varões illustre nas letras, que têm brilhado como astros de primeira grandeza, repartindo sua luz pura com tantos novos astros que se formaram de seu peito, e têm levado por todo o Brasil com a sciencia do Direito o culto da verdade. Queremos filhos dessa illustre escola, que para si conquistou o titulo de catholica, comprehendendo que toda a sabedoria vem de Deus e que o principio da sciencia é unguida pela fé

tem se erguido para dar testemunho da verdade sempre que ella é atacada.

Vós sabeis, illustres mestres e filhos amados, que o organismo social tem necessidade da convergencia dos esforços de todos os membros para que a vida se lhe desenvolva; essa vida porem que vem de Deus, principio de onde emana toda a lei, não permanece no organismo enfermo, e o nó da vida social consiste no conhecimento e exercicio dos direitos e deveres, e a nobre missão de os espalhar é a vossa!

Quando as mulheres do Evangelho procuraram no sepulchro vasio o corpo de Jesus e o não encontraram—um anjo se apressou tranquilizando-a: «Não está ahi, mas não tenhaes medo, ressuscitou e estará comvosco na Galliléa»; mas si a patria desolada, vendo o santuario da lei profanada procurar o remedio para seus males, virá a vós e perguntar-vos-ha: «Onde puzeram o Direito?»

Vós que sempre fostes, esperámos, continuareis a ser os guardas vigilantes dessa arca santa, abrireis a toga que vos cobre o peito e mostrando-lhe o coração, dir-lhe-eis: «Eil-o; aqui o conservamos intacto e o communicamos para remedio teu e sustentação de tua vida».

*
* *

A ti agora, terra amada, idolatrado Maranhão, saudamos com todo affecto de amor filial; teu filho, embora ausente, nunca se esqueceu de ti; sobre tua fronte onde tantos filhos teus tem depositado as palmas conquistadas pelo genio e pelo saber, tambem vamos depor o nosso tributo; e se alguma honra nos advem pela posição a que fomos, embora indigno, elevado, toda te offerecemos; e tu que guardas os restos humildes e amados progenitores, guarda tambem o amor e a lembrança do filho que a ti tudo deve.

ARLINDO DE SOUSA MARTINS, nasceu a 29 de setembro de 1885. Formou-se em direito com brilhante curso. Poeta talentoso e expontaneo, deixou um livro de versos a publicar. Falleceu em 6 de novembro de 1924.

Pau d'arco

Contemplo-te a sentir, velho pau d'arco amigo,
Uma grande tristeza e uma grande saudade
Dos dias em que passei aqui na mocidade,
A' tua sombra, a rir, a conversar contigo.

Tinhas a mesma linha e a mesma magestade
Que ostentas inda agora e a sombra que me abrigo.
Eu era inda tão novo e tú já tão antigo,
Talvez que o mais antigo tronco desta herdade.

E hoje volto, afinal, de neve na cabeça
Depois de muito andar sem lume a que mé aqueça,
Andrajoso a esmolar de pousada em pousada...

E és o mesmo de outrora, ativo e re florido,
Como um punhado de oiro a esmo sacudido
No immenso panno verde-matte da chapada...



RAYMUNDO NINA RODRIGUES, nasceu em 1862. Médico e professor distinctissimo. Nina Rodrigues foi elogiado pelo celebre anatomista frances Testi, como grande sabio brasileiro.

Escreveu Estudo sobre o regimen alimenticio do norte, As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil, etc.

Falleceu na Europa no mez de junho de 1906.

Trecho d'uma prelecção

Quem conhece, de perto, como eu conheço, as reticencias e as fraquezas plantadas no animo de peritos timidos pelo receio de affrontar á descoberto estes

tramas de descredito, urdidos no conluio do interesse inconfessavel com a maledicencia perversa, não recua deante do dever que me impõe esta cadeira, de fortalecer o vosso espirito, retemperando-o na certeza de que, embora seja assim erriçada de espinhos a jornada de peritos que vos aguarda, a nenhum homem de bem deve fallecer o animo de cumprir desassombrado o seu dever, na certeza de que o desvirtuamento de seus actos, dos seus intuitos, a mentira e a calumnia jamais poderão resistir, descoberto á luz meridiana, ao respeito que impõe uma consciencia honesta e tranquilla. Só a pratica do crime e da deshonestidade pode comprometter a reputação do perito; nunca o estri-to cumprimento do seu dever.

Nos paizes sem organização medico-judiciaria como o nosso, onde, na anarchia da intervenção pericial, o medico-legista não tem outro norte que os dictames de uma consciencia honesta, a exploração deste recurso merece ser tomada na devida conta, para precaver peritos inexperientes contra as perfidias das falsas e mentirosas exigencias de uma supposta moral intransigente.

Senhores, os principios de moral e de honra que regulam a conducta do medico perito, insistentemente vos tenho dicto, não differem dos principios que regem as acções de qualquer homem de bem.



MANOEL JANSEN FERREIRA, nasceu em Caxias, a 24 de abril de 1865. Formou-se em direito, sendo um dos mais distinctos advogados maranhenses. Orador eloquente, espirito culto, sempre alegre e expansivo. Escreveu Noções de Chorographia do Maranhão.

Falleceu em 30 de abril de 1925.

As duas cruzes

Toda gente tem ido ver os bondes electricos e eu tambem fui como os outros dar um passeio.

Esse passeio me agradou bastante e me trouxe afinal bem gratas recordações.

Logo depois da igrejinha de N. S. de Nazareth, erigida na praça do Outeiro da Cruz, deparei com a cruz de madeira que alli, elevaram os antigos para recordar o feito heroico dos nossos antepassados, sob a intrepidez de Antonio Muniz Barreiros.

Essa cruz de madeira pequenina, simples, modesta, foi uma lembrança do povo humilde e simples que a ella ligam logo as glorias da sua terra.

Annos depois, o elemento official quiz tambem elevar um marco capaz de maior duração e dahi a collocação do cruzeiro de pedra que se elevou diante da antiga cruz.

Foi desde então que todos começaram a admirar a cruz de pedra n'uma pequena elevação, tendo um tanque no qual foram collocados pedaços de sabre, moedas e outras cousas que pudessem attestar circumstancias do feito.

Muitos annos depois, já em vida de quem escreve estas linhas, tendo de se fazer um trabalho na estrada do Anil, um engenheiro, encarregado do serviço mudou de logar a cruz de pedra, collocando-a em novo pedestal e conservando o mesmo tanque e as mesmas reliquias.

Agora ha de novo quem pense em mudar o logar da cruz de pedra e é possivel que o façam.

A cruz de madeira, a milagrosa, na opinião do povo, continua no mesmo logar onde foi elevada ha 300 annos, soffrendo sempre uma substituição quando apodrece sob a acção do inverno.

Todos os povos vivem nas suas antigas crenças.

Tanto o mais ignorante como o da classe superior trata com carinho e respeito as tradições de sua terra.

Na Allemanha, principalmente, ha muito apego ás tradições e lendas locaes.

E é por isso que as margens imponentes do Rheno estão cheias de castellos que, não raros, recordam passados valorosos.

Entre nós, dia e noite, os que passam pela cruz de madeira, tiram, reverentes o chapéu, fazem muitas vezes as suas orações e vão por deante na mesma crença.

Muitos ha que atiram no pé da cruz moedas de pequeno valor, das quais algumas são ainda encontradas e outras vão sendo retiradas pelos mais esper-tos do que devotos.

E o povo continua na sua vellha crença emquanto nós, olhando aquelles marcos impereciveis, continuamos a recordar as passadas éras que não sabemos esquecer.



ANTONIO DA COSTA GOMES, nasceu em 1880. Poeta inspirado, de alma emotiva e bôa, enamorado dos esplendores da natureza. Publicou Alabastro e Pampanos. Falleceu no anno de 1915.

louca

A sua bocca, de um lavor intenso,
E' um vivo golpe de coral, sangrando:
Quando a enxugam, um gesto, logo o lenço
Fica manchado e como que chorando.

Não mais aquelle aroma a cravo e incenso,
Morno, se evola do vestido pando;
E ao ver-lhe o collo amarellado, penso
Nas pombas brancas quando estão criando

Mas de tudo o que punge a criatura,
—Ante este quadro ignobil de revezes,
O que me traz ao coração mais frio,

E' vê-la assim, nas trevas da loucura,
Passar pela filhinha de dois mezes,
Como quem passa por um cão vadio...

meditabundo cantor de Nuranjan; mas, o critico sensato, o Juiz recto e severo que se patenteia marcando, com o cunho vigoroso do seu enriquecido e fecundo engenho, a senda que o escriptor deve seguir e os escolhos que deve evitar nos grandes embates da intelligencia contra a ignorancia.



ULPIANO DE VILHENA BRANDÃO, nasceu nesta capital a 27 de maio de 1892. Poeta e novellista. Deixou tres obras que estão ainda por publicar: Vestibulos (versos), Terra do Norte (romance) e Guerra Européa.

Falleceu a 7 de novembro de 1928.

O Morro e o Deserto

Do solitario morro, a alpestre falda,
Que a relva nastra a contonar a orela,
Parece um verde engaste de esmeralda,
Dentro á paizagem árida e amarella,

Em torno, á terra de ócre o sol escalda
De alongada palmeira a alta flabella
Ensombra-lhe do sol a verde espalda,
Aos raios de oiro da apolinea umbella...

Vendo o morro e o deserto, se me apura
A visão a espreitar, e a natureza
Vendo e vendo aquella ilha de verdura,

A' conclusão me levo e, com certeza:
O morro lembra um dia de ventura
Dentro de um anno inteiro de tristeza...

DR. OSCAR L. GALVÃO, nasceu em 1852. Medico illustre, professor conceituado e poeta talentoso e vibrante. Morreu nesta capital, a 11 de novembro de 1923,

Poesia e Critica

De um beijo de Deus na natureza, sequiosa de amor, gerou-se a Poesia com todos os seus encantos e feitiços.

Atomo emanado da divina essencia, arremessado nesse dedalo infinito, onde formigam os zoilos, que debalde tentam deslustrar-lhe a gloria, aureola fulgente que lhe cinge a fronte,—o Poeta nasceu em um delirio de amor, com o magico condão de arroubar-nos pela harmonia de sua linguagem meliflua e doce, cheia de imagens sedutoras, que nos encantam e fascinam.

Nasce, porém, o Poeta como a rosa e como a rosa fenece; sua vida é tão fugace e semeada de cardos e espinhos que raros são os que alcançam ser assignalados pela tuba canora da fama, porque morrem desconhecidos, já pela excessiva modestia que os caracteriza, já á mingua de protecção.

*
* * *

Não foi só, porém, como poeta que Trajano Galvão manifestou o seu invejavel talento; possuímos d'elle tambem um bem elaborado quão primoroso trabalho.—O juizo critico sobre as Postillas do erudito maranhense Francisco Sotero dos Reis. De estylo ameno e agradavel, escripto com gosto e animação, de linguagem correcta e fluente. traçado por mão de mestre,—seria digno, por certo, esse trabalho da penna sublime de A. Herculano--o immortal cantor do Eutico.

Já não se nota ahi somente o contemplativo e

JOSÉ RIBEIRO DO AMARAL, nasce a 3 de maio de 1853. Professor illustre e um dos maiores conhecedores da nossa historia.

Publicou O Estado do Maranhão em 1896, Apontamentos paa a Revolução da Balaiada na Provincia do Maranhão, Fundação do Maranhão, etc.

Falleceu em 30 de abril de 1927.

Episodio da Balaiada

No dia 20 de outubro de 1840, o tenente Antonio Sampaio, á frente de uma partida de 100 praças, pertencentes á 1.^a columna, encontra-se na fazenda S. Antonio com 300 rebeldes, resto dos mil e duzentos que haviam sido derrotados no ataque dado em Pastos Bons pelas forças combinadas do coronel Diogo Lopes de Araujo Salles e 1.^o tenente Izidoro José da Rocha do Brasil, e que capitaneados pelo intitulado major Pio haviam descido para a comarca de Caxias.

Travado alli o combate, fogem os rebeldes, seguindo-os a partida até a passagem do Rio Itapecurú, denominada—Secco das Mulatas—onde, carregando de novo vigorosamente sobre elles, que resistiam, fa-los recuar até a—Matta do Salgado—, deixando elles em todo este percurso, além de armas e cavallos, trinta mortos, um prisioneiro e duas mulheres, e entregando-se dos fugitivos, sempre acossados, seis para poderem escapar com vida.

Neste interim, como corressem pela cidade boatos aterradores acerca de Caxias e Pastos-Bons, boatos que, se quanto á primeira daquellas comarcas eram inteiramente falsos, quanto á segunda não deixavam de ser, pelo menos, exagerados, resolveu o presidente abandonar de novo a capital aos 22 de Outubro, e dirigir-se a Caxias afim de observar de mais perto o que de exacto havia a semelhante respeito, e assim, pessoalmente, tomar quaesquer medidas que por ventura se tornassem precisas.

Chegado que foi alli, após treze dias da mais in-

commoda e fastidiosa de todas as viagens, feita, parte em uma gabarra na epocha da grande estiagem do Itapecurú, parte a cavallo, durante a qual não se esqueceu o presidente de ir inspeccionando os diversos pontos militares que marginavam aquelle rio, mandaram-lhe os chefes rebeldes Pio, Tempestade e Côco, que se achavam acampados em S. Francisco á testa de 900 homens descidos de Pastos-Bons, pedir amnistia, prometendo depor as armas, requisitando vinte dias apenas para reunir toda sua gente dispersa.

Concedeu-lhes o presidente o que com tanto empenho pediam; declarando-lhes, porem, que se durante esse praso um só tiro disparassem, ou qualquer roubo fizessem, immediatamente faria marchar sobre elles todas as forças que o cercavam, em numero de 600 praças, commandadas pelo major Ernesto Emilianino de Medeiros, Capitão Domiciano e Alferes Coque.

Foi o coronel Luiz Alves de Lima recebido na segunda capital da provincia com todas as demonstrações de alegria não só pela primeira columna, commandada pelo coronel Franisco Sergio de Oliveira, allí acampada, como tambem pelos habitantes ainda cobertos de lucto, e que apesar disto festejaram com tres noites de luminarias a primeira visita de um presidente áquella cidade do sertão que um anno antes estivera salpicada de sangue de cadaveres inseultos, e vira suas casas servindo de abrigo aos salteadores.



JOÃO DE DEUS DO RÊGO, nasceu em Caxias a 22 de novembro de 1867. Jornalista e poeta de fulgente inspiração. Falleceu em 1902.

Querer e não querer

Essa dos olhos brandos e piedosos,
Cheios de luzes auroraes, serenas,
Foi a causa suprema dos meus gosos
E é a suprema causa destas penas.

Por suas mãos mais doces que as verbenas
 E mais bellas que os lyrios odorosos
 A' plaga fui dos sonhos ventrosos
 E ao fundo escuro de fataes gehennas !

Quando ella passa—extraordinario astrô—
 Minh'alma se refrahe, beija-lhe o rastro...
 Não possa vê-la e quero sempre olha-la...

*Não mais me punge esta maldicta estrella!
 Dae-me forças, meu Deus, para esquece-la
 E forças ainda mais... para adora-la.



JUSTO JANSEN FERREIRA, nasceu a 24 de março de 1864. Medico de bella cultura scientifica. Professor e geographo eminente. Pertencia a varias agremiações scientificas do paiz e do estrangeiro.

Escreveu a Barra da Tutoya, Pelo Maranhão e outros trabalhos de valor. Organizou a Carta Geographica do Maranhão e a Carta Geographica da Ilha de S. Luiz.

Falleceu em 18 de agosto de 1930.

A Barra da Tutoya

Em 1904, o mappa do Brasil, organizado *por ordem* do dr. Lauro Müller, então Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, menciona a bahia da Tutoya, em territorio do Maranhão.

Mais ainda :

Em 1908, no Mappa Geral da Republica dos Estados Unidos do Brasil, publicado por occasião da Exposição Nacional, nesse mesmo anno, *por ordem* do Exmo. Sr. Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, dr. Miguel Calmon do Pin e Almeida, permanece a bahia da Tutoya, no territorio maranhense.

Muitos outros actos, oriundos de diferentes ministerios poderiamos accrescentar, em opposição aos tres avisos já rebatidos, todavia só adduziremos mais dois, sendo que um se refere ao ministerio da Fazenda e o outro ao Ministerio da Marinha.

E não os deixo de assignalar, porque justamente destes dois ministerios partiram os avisos Saraiva Paranhos e Custodio de Mello.

Eis o primeiro :

Em 1901, o dr. Joaquim Murtinho, Ministro da Fazenda, em telegramma de 13 de Dezembro e em despacho de 10 do mesmo mez e anno, á Delegacia Fiscal do Piauhy, resolveu não approvar a criação proposta pelo Delegado Fiscal do Piauhy de

«uma nova circumscrição para a cobrança do imposto de sal, constituída pelas ilhas dos grupos das Canarias e Tutoya, na foz do Parnahyba

..... visto como, estando a zona territorial de que se trata sob a jurisdicção fiscal da Delegacia do Maranhão, a esta compete providenciar sobre o assumpto».

Eis o segundo caso :

Organisou-se em 1909, sendo Ministro da Marinha o vice-almirante Alexandrino de Alencar, uma carta da Costa do Brasil, do Maranhão a Pernambuco, desenhada por ordem do sr. Almirante Jaceguay, na qual a bahia da Tutoya continuava no Maranhão.

Basta!

Já se vê claramente que se a causa maranhense se apoiasse em taes documentos, e se acreditassemos

que esses actos do poder executivo, plenamente nulficados pelas provas que acabamos de exarar, «garantissem a jurisdicção federal» alterando limites seculares, respeitados pelo poder competente, na Monarchia e na Republica; ainda assim lograva vantagem o Maranhão, porque os avisos dos tres ministros estariam, muitas e muitas vezes prejudicados, em actos ulteriores manifestando que a barra da Tutoya nos pertence.



ALUIZIO PORTO, nasceu a 9 de setembro de 1871.
Poeta de sentimento bello e delicado.

Falleceu em 1893.

Arrependida

Eu te chamei num verso—*estrella da alvorada*,
Da esthetica na forma, artista e sonhador;
E tu balbuciaste em certo mau humor:
"Não quero ser estrella, a estrella é desolada."

Num doce madrigal, num cantico de amor,
Eu te chamei tambem—*camelia descorada*,
Bem juntinho de mim, vivendo descuidada.
E achaste o verso lindo, e foste aquella flor...

Havia um certo chic, um quê de donairoso,
Romantico, ideal, poetico, formoso,
Em ser aquella flor pallidamente bella...

Mas hoje que tu vês que vou scindir os mares,
Que vae seguir-me a estrella errante pelos ares,
Tu te arrependes, flor... e queres ser estrella!

HEMETERIO LEITÃO, nasceu na Vargem Grande.
Professor e poeta. Falleceu bastante moço, a 29 de abril
de 1918.

Vaidades das Vaidades

Sete palmos, á enxada abertos no chão duro...
A bocca de uma cova, hedionda, escancãrada...
Eis o palacio real, o leito frio e escuro,
—Ponto final da vida e symbolo do Nada.

Nesta paz tumular, o puro é igual ao impuro,
O misero plebeu ao testa coroadá.
A cova tanto abriga o sabio como o obscuro,
Cahidos no fragor desta eterna Cruzada.

Tambem has de descer á paz que ha sob as lousas.
Aqui, só se ouve piar de ave triste e agoureira
E perpassa, subtil, a alma errante das cousas.

Depois... que restará das vaidades, querida?
Uma carcassa immunda... ossos... uma caveira,
Num sorriso mordaz a escarnecer da Vida!



LUCANO DUARTE DOS REIS, nasceu nesta capital a
10 de dezembro de 1903. Poeta dos melhores do Maranhão.
Escreveu um precioso volume de versos: Escombros.

Falleceu em 5 de janeiro de 1931.

Pharol de Alcantara

Velho amigo pharol, que triste pestanejas
A' distancia cruel que a luz te empallidece,
Depois que o rúbro sol no occaso desfallece,
Ao bronzeo soluçar dos sinos das egrejas.

De olhos fitos em ti no arroubo de uma prece,
 A' minh'alma afflictiva espero que protejas;
 E o nuncio desta dôr bondosamente sejas,
 Já que estás junto de quem de amores me enlouquece.

E assim como has guiado a fragil caravella
 Na vasta immensidão do mar, que se encapella.
 Do forte temporal ao rispido furor;

A frota dos meus ais norteia por piedade
 Perdida como está no Atlantico do Amor,
 Que se irrita e se encrespa ao tufão da Saudade!



ANTONIO VASCONCELLOS, nasceu em S. Luiz no
 anno de 1900. Inspirado e brilhante poeta. E' auctor do
 bello livro de versos Chamma Azul. Falleceu nesta capital
 a 2 de novembro de 1933.

Ultima Verba

Toda a tragedia, subito, architecto.
 —A camara mortuaria, fulgurante
 De luzes e de flores palpitante
 Tem taciturno e doloroso aspecto.

Durmo o somno da morte, algido e quieto.
 E na expressão serena do semblante
 Bem gravado ficou, do ultimo instante,
 O prazer de deixar o mundo abjecto.

Os amigos vem ver-me. Vão chegando.
 Olham-me muito. Aspargem-me agua benta,
 Carinhosas palavras murmurando.

E eu sinto, então, o horror que os electriliza,
 Vendo a fita de sangue rubra e lenta
 Que me escorre do peito da camisa.

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE, nasceu a 31 de janeiro de 1866.

Grande, fecundo, popular e apreciadíssimo poeta, é o nosso verdadeiro Mistral.

Tem produzido bastante, entre os seus melhores livros contam-se Meu Sertão, O Sol e a Lua, Sertão em Flôr.

Versos da revista Marroeiro

Eu tive um sonho cabôca,
 Qui não me sahe da lembrança,
 Sonhei que via a Saudade
 Chorando aos pés da Esperança.

Tu sahia da igrejinha,
 Depois da missa acabá,
 Eu gritei: Oia uma santa
 Fugindo do seu artá.

Dou-te um beijo sem mardade,
 Um santo beijo de irmão,
 Santo que nasce da arma
 P'ra morrê no coração.

Não trago nada p'ra Santa,
 Apois não tenbo o que dá,
 Só tenho a minha viola,
 P'ra ups versos me acompanhá.

Tuigassú, Chorão, Veado,
 Zé do navio, João Preá,
 Eu dou a viola á Santa,
 Se a Santa soubé cantá.

Duas rosa, cô de rosa,
Duma rosêra arranquê,
Uma p'ra Nossa Senhora,
E a outra p'ra vansmecê.

Arrecebe esta viola,
Qui chora, soluça e cânta,
Qui dou á Santa da igreja,
Pru mandado de outra Santa.

Não pegue assim na bichinha,
Tenha mais inducação,
Si tu machuca a viola
Me fere no coração.

De tuas mãos Luminata
Arrecebo esta viola
Cum o mendigo arrecebe
Das mãos de Deus uma esmola !



HYGINO CUNHA, nasceu em 1865. Advogado notavel e possuidor de solida cultura. Tem varias obras publicadas.

O Mal

No craneo da malvada espessa treva
Incuba o odio vil contra a virtude ;
Um impulso fatal, innato e rude
A' pratica do crime o vota e leva...

Essa lei—diz a fabula—é coéva .
Dos primeiros humanos na attitude
Da mais pura innocencia, a que se allude
Na lenda oriental de Adão e Eva.

Vêde como procede a serpe astuta,
Arrastando ao peccado o par ditoso
Que as venturas edenicás desfructa !

Vêde, como, no sangue generoso,
Se céva a inveja fraticida e bruta,
Como succumbe o justo ao golpe iroso !...



JOÃO DUNSHEE DE ABRANCHES MOURA, nasceu nesta capital a 2 de setembro de 1868.

Distincto e conhecido escriptor, com avultada bagagem litteraria. Tem escripto: Actas e Actos do Governo Provisorio, Pela Italia, A Illusão Brasileira, Setembrada, etc.

Natal maranhense

O Natal jamais deixou de ser em S. Luiz uma festa genuinamente popular. Desde o começo de Dezembro, ninguem mais pensa em outra cousa a não ser gosar essas semanas de alegria e de folguedos. Uma canção muito antiga, mas sempre repetida nas famosas serenatas dessas noites incomparaveis dos luâres do norte, recorda a cada instante que o Deus Menino nasceu para trazer a paz aos corações. E, de facto, nessés dias faustosos, esquecem-se odios e dôres, abrecimentos e miserias, e ricos e pobres não aspiram senão partir para os sitios pitorescos que margeiam o Caminho Grande e, por elle, se desdoram pelo Anil, a Mayoba, a Villa do Paço e S. José de Ribamar.

Os que ficam na cidade, tambem animadamente se divertem. Por todos os bairros, mesmo os mais miseraveis, armam-se presépes para receber os bandos de pastorinhas. Estas, com as suas danças e os seus canticos característicos, passando de geração em geração, servem de pretexto a reuniões animadas e a ceias capitosas, que se tornaram celebres e têm sido decantadas pelos mais famosos escriptores e poetas da terra.

Entre as famílias, formam-se grupos, que annualmente se congregam no mais alacre convívio; e, de 20 de Dezembro ao dia de Reis, lá se vão reunidos para os enormes casarões dos sítios espalhados entre as bordas do Bacanga e do Anil e cortados por crystalinos riachos em que se tomam banhos deliciosos á sombra das jussareiras que, dia e noite, ciciam as suas trovas sylvestres. Estas habitações rusticas já são preparadas para esse ajuntamentos familiares. Nos largos dormitorios podem ser armadas umas sobre outras rêdes para os hospedes quando se tornam mais numerosos. E os rapazes quasi sempre têm de ir dormir ao ar livre, sob a copa das mangueiras seculares que, a esse tempo, estão carregadas de fructas que lhes doiram as immensas copas agasalhadoras, ou, nas noites dos grandes luares, buscam de preferencia os cajueiros esgalhados que não lhes roubam a luz amortecida e doce da mais proxima das lampadas dos céos. Luar do Maranhão... luar de S. Luiz... quantos romances de amor e da saudade não tens inspirado e quantas reminiscencias dulcissimas não deixaste para sempre nos corações nostalgicos dos filhos de tão linda terra !...



IONACIO XAVIER DE CARVALHO, nasceu nesta cidade em 1872. Bacharel em direito e magistrado illustre, que dignifica a toga que veste.

Jornalista valoroso e um dos grandes poetas do Maranhão, para quem a arte de fazer verso não tem segredos, Escreveu um livro de peso e fulgor, Missas Negras.

O Sino de S. Pantaleão

Em minha terra, o sino mais sentido,
O mais triste de todo o Maranhão,
É o grande sino, ha muito tempo erguido,
Da velha e secular São Pantaleão...

Todo enterro alli passa... E elle dorido,
Vendo-os passar, soluça na amplidão...
E é tão forte e é tão fundo o seu gemido
Que a todos espedaça o coração!

Eu avalio a magua desse dobre,
Quando meu velho Pae, vida tão nobre,
Deante da Igreja, em seu caixão passou...

O sino gemeu tanto, nesse dia,
Que, eu de tão longe, ouvi, na alma vasia,
Os dolorosos ais que elle dobrou!



AUGUSTO TASSO FRAGOSO, nasceu nesta capital a 28 de agosto de 1869. Engenheiro militar e bacharel em mathematicas e sciencias physicas e naturaes. Um dos lumináres do nosso exercito pela vastidão de sua cultura. Astronomo, geodesista, historiador e sociologo. Escriptor de estylo firmado e brilhante. Tem exercido importantes commissões no estrangeiro, representando o Brasil.

Entre as suas obras apontam-se: Determinação da Hora por Alturas Correspondentes de Estrellas Diversas, A Batalha do Passo do Rosario e A Guerra da Triplice Alliança, entre o Paraguay (5 volumes).

Trecho de um discurso pronunciado á beira do tumulo do marechal José Bevilacqua

Que era a Republica para nós?

Um regimen inspirado no interesse collectivo, em que imperasse a mais completa liberdade espirital, a mais absoluta honestidade e desinteresse no trato da causa publica e só os competentes fossém escolhidos para as funcções sociaes.

Com a mente cultivada pela sciencia e pela leitura de grandes pensadores como Augusto Comte, sonhávamos um regimen ideal de ventura humana, sem

lugar para as violências e os appetites egoisticos, sem lugar até para nós mesmos, modestos apprendizes da arte da guerra, pois ambicionávamos com Benjamin Constant um futuro de perfeita concordia internacional.

Não se pode avaliar o nosso desprezo pelos que faziam da politica um campo de exploração pessoal e se valiam das posições para satisfação exclusiva de sua vaidade ou de suas conveniencias.

Queriamos ver extincta a raça dos que sobem matreira e hypocritamente ás culminancias do poder, e uma vez ahi esquecem os seus deveres e as promessas formuladas e não se correm de violar direitos sagrados de seus compatriotas, estouvar-lhes a vida serena, empecer o progresso do paiz em todos os ramos de sua actividade e afinal desacreditá-lo no estrangeiro.

Para nós o apparelho governamental deveria equivaler a um mechanismo, tão perfeito quanto possivel, de ordem e coordenação de esforços e nunca a um instrumento para a realização das ambições injustificaveis de certos homens.

Neste ambiente, meu caro Bevilaqua, passaste a mocidade e se te formou a alma, nelle hauriste o alimento espiritual que te serviu de guia e fez de ti o brasileiro digno que hoje aqui vimos recordar com lagrimas.

E' preciso ter vivido nesa epocha e ter conhecido esse ambiente para aquilatar, á justa, a elevação da maioria dessa geração republicana, de militares e de civis, que batalharam com inquebrantavel fé e absoluto desprendimento para redimir os captivos e em plantar a Republica no Brasil. Eram almas impellidas por um grande ideal, promptas a todos os sacrificios, cheias dessa altivez e independencia de character que não arrefecia, nos militares, nem diante dos rigores da disciplina.

A prova temo-la no modo como corremos pres-

surosos, durante a questão militar, ao encontro de Madureira e Deodoro, quebrando sem hesitação os óbices com que procuravam deter-nos em nosso arroubo de entusiasmo.

Estavamos dispostos a tudo, a affrontar todas as dificuldades, a desaparecer obscuramente sempre que o Brasil ressurgisse redimido daquelle lance.

A vida era para nós o menor dos bens, se a não pudessemos viver com dignidade.



ACHILLES DE FARIA LISBÔA, nasceu no Cururupú a 28 de setembro de 1873.

Doutorou-se em medicina, jornalista de pulso, grande cientista e leprólogo conhecido em todo o Brasil e no estrangeiro pelo seu brilhante saber.

Tem escripto muito. E' de sua auctoria: Da Mestiçagem Vegetal e Suas Leis—These, Questões de Intefesse Publico, Cathecismo da Defesa contra a Lepra, No Maranhão.

A Vida e a Terra.

E' claro que houve na evolução da terra um momento em que começaram de apparecer as formas vivas, propagadas pelo processos evolutivos, hoje verificados, da multiplicação cellular. Henry Bergson, um grande pensador contemporaneo, acha na vida, que não descreve uma trajectoria unica mais se fragmenta em especies, a semelhança com um obúz, em que a força explosiva da polvora, com a resistencia do metal que a envolve, reduzem a estilhaços o projectil. Assim a resistencia da materia bruta e o equilibrio instavel de tendencias, em que a propria vida se resume, como um impulso resultante da organização dessa mesma materia bruta, que o calor e a humidade condicionaram nessa phase em que a terra teve essa capacidade geratriz, são as causas desta differenciação, que

continua hoje condicionada nas cellulas por tendencias memelhantes dos cromosomios, organitos especializadas que ficaram, nesses elementos anatomicos, com o poder de excitadores energeticos de proliferaçao da materia viva e portadores des caracteres hereditarios. Foi assim que a vida, lançada pelas forçãs physico-chimicas resultantes, principalmente, das transformações radioactivas dessa phase criadora inicial por que nos passou o globo terrestre, tomou direcções divergentes, conduzindo a especies variadas por adaptações necessarias. Foram por isso de uma extrema simplicidade as primeiras formas animadas que appareceram. Mas, antes que, com o auxilio das acquisições modernas dá sciencia, considere este problema biogenetico, discutindo-lhe todas as condições na superficie da terra de então, devo encarar a hypothese da semeadura desta mesma terra por germens extra-terrenos, que nos vieram do espaço interplanetario, emanados de outros mundos já habitados por seres vivos, para nos animarem o nosso ainda despovoado destes,

E' a doutrina da *panspermia* em que se concebe a origem cosmica da vida, que nos teria vindo nos meteoritos cahidos sobre a terra ou se teria mesmo vehiculado pelas poeiras cosmicas, que fluctuam no espaço e teriam sido trazidas pelas radiações luminosas ou outras que nos chegam. Sabe-se, hoje, com effeito, que existe a *pressão de radiação*, cujo valor já a sciencia moderna avaliou. Tem a energia o seu peso e são as diversas radiações o orgão de transmissão das forçãs do Universo. Foi, na verdade, o grande Maxwell quem primeiro estabeleceu que as radiações exercem uma verdadeira *pressão*, cuja grandeza é medida pela quantidade de energia contida na unidade de volume, tendo sido o physico russo Lebedeff quem o verificou. Imaginando-se um corpo enegrecido collocado contra a superficie do sol, sofrerá elle pela radiação emittida por este um pressão

de 2 miligramos e $3/4$ por centimetro quadrado. Deve-se a Svante Arrhenius a demonstração pelo calculo de que, para uma espherula diminutissima, não transparente, de diametro um pouco inferior ao micra e collocada na visinhança do sol, a força repulsiva da *pressão de radiação* venceria a attracção do astro e a espherula seria assim lançada para longe do mesmo através do espaço.



IGNACIO RAPOSO, nasceu em Alcantara a 10 de junho de 1875. Jornalista, escriptor de notavel cultura, eximio poeta e magnifico pintor.

E' auctor do formoso livro de versos *Canticos*, do poema *Thamar* e do opusculo *Deus deante da Philosophia*, etc.

Morte do Bargado

Hora do sacrificio. A estrella matutina
Brilha no espaço envolta em nuuens cor de rosa.
Vaé morrer o Bargado. A victima chorosa
Lança o ultimo olha á lamina assassina.

Leva o touro no peito a magua que o domina.
Arrastado ao mourão por uma corda annosa,
Recebe na garganta o ferro e a voz saudosa,
Emquanto jorra o sangue, echôa na campina.

Um momento depois em torno da vivenda,
Pranteia o gado solto a bruta iniquidade,
Abalando e aturdindo os ares da fazenda.

São lagrimas de mãe !... de filhos na orphandade,
Que vêm dar, affrontando a sorte mais horrenda,
Este exemplo de amor que assombra a humanidade.

BENEDICTO DE BARROS E VASCONCELLOS, nasceu nesta capital a 31 de julho de 1879. Distincto magistrado e jornalista fulgurante, E' auctor do romance Redempção.

Jesus

Jesus, que, segundo João, só com o ver os homens logo os comprehendia, sentiu que Pedro, sem outra força que a do seu coração, saberia guardar e defender a pureza dos seus ensinamentos. Sem os arroubos de Paulo, nem os extremos de João, sem as estreitezas judaicas dos outros, principalmente dos parentes de Jesus junto ao Templo triumphou de todos e offertou ao mundo o Christianismo.

O Mestre falava a João como a um filho, aos outros como a discipulos, mas a Pedro como a um irmão. Lavando os pés dos discipulos, num exemplo de humildade e amor, essa lição de Jesus nenhum a recebeu integral senão Pedro. Submette-se a todos, supportou tudo, e é assim que dos evangelhos surge a sua proeminencia.

S. Paulo, espirito altivo e muito independente, não se conteve que não fosse a Jerusalem conhecer o chefe dos Apostolos. Tudo indica que sahiu dominado, por mais que pretenda recriminar injustamente aquelle que o confirmou na communiidade. Sem a vigilancia de Pedro, Paulo teria prejudicado muito o Christianismo. Os escriptos do convertido de Damasco deram a essa supremacia, que, de facto, elle não teve nos annos do seu Apostolado. Nas primeiras igrejas Paulo era ouvido com admiração, mas, em todas ellas, Pedro tinha a supremacia moral.

João, Pedro e Paulo manifestaram ao mundo Jesus; um pelo seu amor inexcedivel, o segundo pela sua fé inabalavel, o ultimo pela sua admiração de crente sineero. Dahi em diante, Jesus será sempre

amado, como foi por S. Francisco de Assis e Santa Thereza de Jesus; acceito, venerado e revelado como foi por S. Agostinho, S. Antonio, S. Bernardo; recebido e seguido com admiração como foi por S. Thomaz de Aquino e Santo Ignacio de Loyola.



ANTONIO DOS REIS CARVALHO, nasceu nesta capital a 10 de abril de 1874. Usa do pseudonymo—Oscar d'Alva. Escripitor e poeta muito conhecido em todo o paiz.

• Livros publicados : Cavatinas, poesias, Senhora, peça em cinco actos, Preludios, poesias, etc.

As duas estrellas

Um singular phenomeno celeste,
 Não tratado nas leis da Astronomia,
 Com espanto dos sabios deu-se um dia,
 No momento feliz em que nasceste.

Duas estrellas, cujo brilho veste
 Um esplendor do sol que se irradia,
 Apagaram-se. Noite, a mais sombria,
 A turquezina abobada reveste.

Todos perguntam a razão por que
 Foram do céo estrellas evadidas,
 E a causa do milagre ninguem vê.

Só os teus olhos sabem-n'ó explicar;
 Pois as estrellas, na amplidão sumidas,
 Vieram fulgir no céo do teu olhar.

CARLOTA CARVALHO, maranhense illustre, para dizer do seu alto merecimento basta este trecho. O sabio alemão Barão Von Paumgardt, com quem D. Carlota Carvalho travava interessantissima polemica, escreveu: "E' a brasileira de maior cultura intellectual",

Bibliographia: O Sertão,

Carolina

Actualmente Carolina é uma das mais importantes cidades do Estado do Maranhão. E' no Maranhão o centro da maior cultura intellectual, é o lugar em que os homens «estudam e aprendem só pelo gosto do saber», como na antiga Hellada, e não por especulação industrial.

Ahi, o amor ás letras e ao util desenvolvimento do raciocinio é commum a ambos os sexos.

A par de homens illustrados, mulheres brilham pela intelligencia e não raro sabem usar da palavra em reuniões publicas.

Citar os espiritos cultos e as intelligencias educadas de Carolina seria nomear grande parte da sua população.

Somente para exemplificar, nomearei alguns dos mais conhecidos nas letras: Odolpho de Medeiros, philologo; José Queiroz, primoroso jornalista; Josina Ayres, professora, poetisa e oradora; Romualdo Ferreira dos Santos, poeta de raro merecimento, favorecido pelas musas e não pela fortuna; João Nogueira do Rego, o cantor melodioso do «Luar Triste»; Elpidio Pereira, Augusto Araujo, Maria Luiza, Anizio Monturil, Chrisantina Monturil, Euclides Maranhão, Alfredo Nobre, Nelson Maranhão, Manoel Rodrigues Bandeira, Joaquim Sardinha, Thadeu Maranhão e outros que se occultam nos pseudonymos Gerson e Jennerre, o cantor dos «Sonhos». Antonio Nolletto, pela sua descripção do Jalapão, merece logar nesta lista de destaques.

Na musica, prima Carolina. O carolinense é um musico nato. Em primeiro logar está Neco Ayres (Mannoel), pae de Josina Ayres, a oradora já nomeada; e Nelson Maranhão, o maior violinista do Brasil.

E' tal o gosto da musica na Carolina que lá são conhecidos e usados os mais raros instrumentos como a cythara dos hellenos.

Sua vantajosa posição na parte mais rica do Maranhão e de Goyaz facilita a grandeza do seu commercio.

Tal é a noticia que posso dar de sua vida actual, resumindo informações e conceitos proprios, deduzidos da leitura de seus jornaes, dos quaes o mais conhecido é «O Tocantins».



TEODORO RIBEIRO JUNIOR, nasceu em Caxias, a 21 de março de 1873. Jornalista e litterato. E' auctor das *Sabatinas Litterarias*, ensaio de syncretismo historio - litterario.

Christianismo

Christianismo, como a palavra está a indicar, é a santa doutrina que foi na terra ensinada por Jesus Christo.

Disse algures Chateaubriand que o Divino Mestre, depois de haver pregado o Evangelho, deixou, entre os homens redimidos, a sua Cruz. Do sopé desse madeiro, plantado na Judéa, partiram os Apostolos, masquinhos embaixadores quasi nús, cajado á mão, portadores da bôa-nova ás gerações infelizes:— Christo lhes havia legado a Religião, a Moral e a Liberdade.

O Christianismo devia mesmo nascer do seio da religião judaica, para que d'uma parte, oppuzesse o manotheismo á pluralidade dos velhos deuses e, d'ou-

tro lado, o santo, o justo, o todo-poderoso Creador do céo e da terra á impureza moral dos deuses do paganismo, fazendo confrontar a solícita providencia do Pae universal com a misera impotencia daquellas divindades diante do Fatum, do Destino, da Sorte, do Acaso.

Christo, com effeito, não veiu destruir a lei de Moysés porque, como o mosaismo, o christianismo partia da queda do homem, d'ahi resultando a necessidade de uma reparação que o Salvador devia realizar pela sua morte na cruz. A' semelhança do mosaismo, tambem o christianismo admittia uma alliança de Deus com o homem, devendo o sangue de Christo se tornar o sello de uma alliança nova, não mais com um povo em particular eleito, mas com todos os povos da terra, sem excepção. Como o mosaismo ainda, o christianismo admittia a revelação dos livros santos e devia completar, acabar essa revelação nos livros da nova alliança.

Considerado em sua essencia, o christianismo é, pois, o meio de redempção pela qual, á vista de um vehemente arrependimento e pela intercessão de Jesus, o santo amor de Deus, Pae commum de todos os homens, é realizado por uma perpetua transfiguração.

O que constituia a essencia mesma do christianismo era que elle se mostrava, diverso de toda a religião da intelligencia, como revelação immediata de Deus, apresentando tudo o que havia de divino no paganismo e no judaismo como a vida impessoal do Filho de Deus antes da sua encarnação em Jesus de Nazareth, da mesma maneira que toda a esperanza em uma epocha de redempção como uma esperanza e uma fé em Jesus de Nazareth. Christo, tornando-se, assim, a alma do homem novo, devia, para satisfazer a consciencia do christão, possuir todo poder sobre a terra e no céu, ser o creador e de todas as coisas, de tudo o que se realiza seja no céu ou seja sobre a terra,

CLDOMIR CARDOSO, nasceu nesta capital, a 27 de dezembro de 1879. Jurista conceituado, jornalista de pujante mentalidade e prosador excellente. O seu livro sobre Ruy Barbosa é uma obra de folego e bem escripta.

A prosa de Ruy Barbosa

A' clareza, com que exerce a sua função significativa, o estylo de Ruy Barbosa, reúne sempre a elegancia, com a qual desperta no nosso senso esthetico a mais agradável emoção, attrahindo-nos para junto do coração do auctor e fazendo-nos esquecer, pela vida com que palpita, que a morte paralysoou esse musculo.

Se numa pagina de outrem, encontramos um periodo desse artista, sentimos, para logo, que a materia se banha de uma luz nova. Lendo a citação, a impressão que recebemos é sempre a de uma sala, bem ou mal illuminada pelo dia, e onde este penetre por uma nova janella, que se abra. A idéa adquire um rapido relevo. Se era apenas abstracção, torna-se uma visão encantadora, uma empolgante harmonia.

Cada palavra tem, nessa prosa, exactamente a função que lhe competia, e as combinações com que nos deleitam os olhos e os ouvidos mostram que todas se sentem á vontade, livres, no lugar que lhes foi assignado. As côres, de que se matizam, indicando-nos que a luz as envolve por todas as suas faces; e na sonoridade de suas reacções reciprocas temos como que uma prova de que as ondas do ar que respiramos, perpassam tambem por ellas.

Ssb a penna, ou nos labios do mestre insigne, o verbo associa-se, em summa, ao verbo com essa solidariedade que não exclue a liberdade e antes a presuppõe; com a harmonia por que elle ansiava na associação dos homens. E' que no seu espirito de abnegado, entre cujas virtudes se encontrava a propria

abnegação a que alludia Renan, e pela qual o escriptor, artista, mas sincero, se deve esquecer de si mesmo para deixar falar o seu assumpto, não se cavam senão as idéas entre os attrahidos por aquella forte sympathia que o ligava á alma dos seres e das cousas.



GODOFREDO MENDES VIANNA, nasceu a 14 de julho de 1881. Jurisconsulto de nomeada, orador fulgurante e prosador correcto. E' uma individualidade litteraria q e honra o Maranhão e o Brasil pela sua aprimorada e variada cultura. E' auctor da obra No Paiz do Direito, de um volume de admiraveis discursos, Na Tribuna, e do livro Terra de Ouro.

A' memoria de Bequimão

De quantas homenagens viámos prestando á data gloriosa da adhesão do nosso Estado á Independencia da Patria, nenhuma de mais alta significação moral do que esta que rendemos á memoria daquelle que pelo povo do Maranhão morreu contente. A sua alma de patriota até ao sacrificio anda, de certo na luz doirada deste sol, pairando sobre nós como uma benção alviçareira, para a conquista de mais refulgentes e mais calorosos triumphos. E por mais que os annos se tenham escoado, por mais que a noite dos tempos nos enfune e desbote a imahinação, vemos o seu corpo de heroe, inimolado na ignominia da forca, a balouçar-se como uma bandeira que acenasse não para as oppressões da sua epocha mas para o horizonte do futuro, cujos primeiros clarões vinham promissora-mente avermelhando.

Daquella bocca emmudecida pela mão brutal do carrasco partiam brados titanicos para levantar, para soerguer a consciencia nacional. Aquelles olhos velados pela Morte despendiam lampejos de Vida para q

grande dia da Redempção. Todo elle era um symbolo dos nossos soffrimentos, da nossa energia, da nossa coragem, da nossa abnegação, da victoria ephemera da força, porem muito mais da victoria definitiva da Liberdade.

Povo Maranhense! Crianças que constituis a sementeira d'ouro da Patria livre; senhoras que sois as formadoras destes pequeninos corações, onde o amor terra natal começa a abotoar com os vossos exemplos e os vossos ensinamentos, todos vós, meus conterraneos, ajudade-me, pela união do vosso ao meu pensamento, a erguer a hostia santa de reconhecimento em gloria e á memoria de Bequimão.

Cultuemos muito mais ainda o exemplo que elle nos legou. Temos que pagar-lhe com a gratidão o incomparavel sacrificio de ter por nós renunciado á doce alegria de viver; mas devemos pagar-lhe muito mais ainda com a pratica do civismo, com o commovido efficiente amor ao nosso torrão natal, ao nosso querido Maranhão, ao querido Brasil, grande e livre, como o sonhava o patriota insigne.

Viva a memoria de Bequimão!

Viva o povo maranhense!

Viva o Brasil!

Viva a Republica!



JOSÉ NASCIMENTO MORAES, nasceu nesta capital a 19 de março de 1882. Professor de conhecimentos vastos e lucilantes, é um dos maiores jornalistas do nosso paiz. Tem os seguintes livros publicados: Neurose do Medo, Puxos e Repuxos, Vencidos e Degenerados.

Velho Terreiro!...

Espectro de uma fartura, que echoou longe, de quebrada em quebrada, de ceus em ceus, cantada pelos rudes guias das tropilhas, pela gente do machado, de

mãos calosas, e linguajar desatado, na lareira, ao pôr do sol, ou á noite, ao relento, nas interpausas do *choro* e do reco-reco!

Lembrança amarga das horas que se escoaram celeres na labuta do dia, ao grito do feitor carrancudo e selvatico, aos ralhos do *sinhô* na plethora do gozo que elle cuidava, egoista e egolatra, não mais acabar, prolongando-lhe a vida ditosa, pelos annos a fóra! Lembranças de ascosas intrigues, de lagrimas pungentes, de dramas terriveis, de despejos de odios, de desmarginadas coleras, que explodiam dentro de ti, em derredor de ti, nas tuas circumvisinhanças, velho terreiro!

Quantos não sacrificaram a vida trabalhando para tua grandeza! Quantas mães não ficaram para sempre loucas, perdendo os filhos e perdendo as filhas, só por tua riqueza, só pelo conforto dos que te fizeram levantar, velho terreiro!

Saudade dos bons dias passados nos entretenimentos do amor fugidio! Saudade dos momentos festivos em que o coração do negro escravo, á flôr dos annos, cheio de affectos, sentia medroso, o olhar feiticeiro da mameluca requestada pelo *sinhô moço*, bravio e dissoluto, rondando, como fera, a desgraçada prêsa!

Saudade do luar nostalgico, do luar companheiro de infortunio e de desdita, que ouvia a desgraça que corria copiosa da bocca dos afflictos e dos desherdados! Luar amigo, mudo, silencioso luar que te banhava tambem, embellezando-te o aspecto, velho terreiro!

E quantas alegrias recordas! Quantas festas opulentas fremiram dentro de ti! Quanta embriaguez turvou, em dias grandes os teus senhorios! Quantos planos politicos se conversaram, á noite, no silencio de tua varanda!

Hoje, que resta de tua grandeza? Onde estão os

negros que te construíram? Onde estão os ricos que te gosaram, que enriqueceram dentro de tuas paredes?

Tudo desapareceu! O matto cercou-te. O matto invadiu teus aconchegos! O tempo a pouco e pouco te foi destruindo. Transformou-te numa poetica e triste ruína!

Parece que a propria natureza chora o teu desmoronamento e ri ao mesmo tempo de tua transfiguração, com as suas galas sempre novas, com a sua luz sempre tonificadora, com as suas arvores carregadas de fructos!

Talvez um velho tropego com a sua companheira se abrigue ainda num quarto que ainda resta, meio intacto de tua construcção.

Velho terreiro! Um dia desaparecerás, como desapareceu tudo que construiste, tudo a que deste a vida, tudo que te fez viver.

Si ainda tua ruína impressiona o viajor, é porque é preciso que te vejam muitas gerações, para te perpetuarem o nome, para te contarem a historia, que é a historia de um tempo que passou e que não volta mais, nunca mais, velho terreiro!



ARMANDO VIEIRA DA SILVA, nasceu nesta capital, a 30 de agosto de 1887. Admiravel poeta e escriptor festejado. Uma das glorias litterarias do Maranhão de hoje.

Obras de sua auctoria: Poesias 1907-1908, Consolação, Oração á Bandeira e mais algumas.

Carro de boi

Velho carro de boi, pesado, aos solavancos,
Em busca do sertão, sem ter uma pousada,
De calháo em calháo, por cima dos barrancos,
Vagaroso lá vai... cantando pela estrada,

Velho, vai se quebrando aos ultimos arrancos,
 Não ha sol, nem fadiga e nem mesmo invernada,
 Que lhe detenha o andar—Lento, caminha aos trancos
 Pouco o pouco vencendo a penosa jornada.

Ha vinte annos atraz viveu num piquizeiro.
 Cortaram-no sem dó. Sem paz e sem repouso
 Hoje vive de andar pelo sertão inteiro,

Lento e triste a rolar naquellas soledades...
 Sempre porém cantando e cantando saudoso
 Como quem canta só para matar saudades!



ANTONIO LOPES DA CUNHA, nasceu em Vianna a
 25 de maio de 1889. Homem de letras, jornalista brilhante
 e professor illustre, é uma das nossas mais vigorosas men-
 talidades.

Maranhão de outrora

O Maranhão, já por ter sido um dos fócios de
 expansão da civilização no paiz como attesta a histo-
 ria da formação nacional, já pela sua autonomia poli-
 tica em face do Estado do Brasil, durante largos an-
 nos, e assim pelo frequentissimo e directo intercamb-
 io que sempre sustentou com Portugal, de onde lhe
 veiu uma corrénte colonizadora de escol, pela sua pros-
 peridade economica notavel durante o periodo colonial
 e, depois dessa phase, até ás vesperas da abolição,
 fruiu dias de certo fausto.

São Luiz, depois do Rio, Bahia e Recife-Olinda,
 foi a cidade mais importante do Brasil colonial, a de
 melhor construcção e tambem de mais intenso movi-
 mento mercantil, sendo a mais nova entre todas. E
 das suas riquezas de outrora restam somente espec

tros: os vetustos sobrados e templos, que um furor de renovação anda a embellezar com platibandas e frontões genero catita, sem a menor propriedade ás suas massiças formas de casarões coloniaes.

Esses velhos sobrados foram, entretanto, os solares das ricas familias de outrora, quer dos plantadores dos feudos agricolas do interior, quer dos mercadores da cidade.

Nada tem de curioso pelo lado da architectura, se exceptuarmos as proporções agigantadas de alguns e certos pormenores que podem, num ou noutro, prender a attenção: aqui um ático, alli um balcão ou varanda com o seu gradil de ferro, trabalho interessante de algum ferreiro reinol, acolá um arco de porta em bella cantaria lavrada, adiante uma balaustrada sustentando o corrimão de escadaria magnifica, obra de talha paciente em madeira rijissima, vencendo seculos como o proprio ferro, a desafiar a humidade, o cupim e a broca, outras vezes um velho portão de alcachofra, quando não se nos deparam o pateo interno, rasgado em claustro, com poço de bocal de azulejo, á maneira arabe, e seus pilares de boa pedra sustentando a trave carcomida do antigo carretel, ou então uma velha porta-cocheira cravada e guarnecida de velha ferragem, inclusive a pesada aldrava, de feitio caprichoso.

Dessas casas, onde as antigas familias maranhenses viviam com a sua numerosa escravatura na abundancia, no recolhimento e na devoção, havia riqueza em moveis e alfaias que poderiam, se não desapparecessem quasi sem deixar vestigio, encher os mostruarios de um museu muito interessante, que espelhasse admiravelmente a arte e a vida coloniaes.

Com as suas mobillias estylisadas, abertas em talhas nas madeiras de tons mais ricos os seus cravos e tremos, os amplos leitos lavrados, de jacarandá e pau-santo, com docéis de damasco e colchas do Oriente,

os oratorios monumentaes, pequenas capellas barocas sahidas das mãos de ebanistas minuciosos e abrigando productos admiraveis, em lenho ou marfim, da mais velha e reputada imaginaria portugueza, os genuflexorios, as arcas e bahús de madeira especiosa, offereciam o mais luxuoso aspecto das moradas do tempo em que as mulheres circulavam para a missa ou para as visitas de palanquim e cadeirinha, ou mesmo da epocha do venerando Angelo Muniz, que batia as ruas cavalgando a sua mula, especie de automovel official do homem que foi senador do imperio antes da introdução das seges, do motor a explosão... e de certas verbas orçamentarias.

A prataria, em baixellas e alfaias, fulgia nos bufetes ou credencias ou nos armarios embutidos nas paredes junto ao crystal precioso e á extraordinaria porcellana da Europa ou da Ásia, da qual ainda se encontram alguns raros exemplares.

Alguns templos, como o Carmo de Alcantara, possuíam verdadeiros thesouros em joias das imagens, vasos sagrados e tudo quanto é necessario ao culto.

Retirada uma grande parte pelo governo provisório, quando foi preciso mandar á fronteira cidade uma ala do batalhão federal, para arrancar ao povo as reliquias do esplendor da sua fé, accumuladas em seculos graças á generosidade do rico como ao suor do pobre, ainda ficou o bastante para se ajuizar do valor artistico do desbaratado patrimonio carmelitano e servir á capella archiepiscopal de S. Luiz e o primoroso templo alcantareense.

Não obstante todo o desamor ou a falta de conhecimento do valor de muitos objectos artisticos,—vendidos a peso, a cada momento, a arrecadadores de prata, ou condemnados ao fogo ou ao perecimento pelo abandono—terem devastado quanto podia ficar dos dias de outrora para a documentação da vida ma-

ranhense, algo se poderia talvez reunir, á custa de muito esforço, é verdade, mas ainda assim capaz, pelo numero e pelo valor, de offerecer conjuncto bastante illustrativo para documentar um grande passado.



ALFREDO DE ASSIS, nasceu no Riachão, a 14 de julho de 1881. Advogado, professor, uma das melhores culturas de Athenas Brasileira. Elle tem publicado, entre outros, os livros: Allocuções, Coisas da Vida, Um critico...

Reynaldo

O' doce e meigo Espirito
De minha Mãe! De minha Mãe, que sempre
Foi nesta vida exemplò de pureza,
De bondade e de amor! que ao soffrimento
Sempre viveu intimamente unida,
E jamais blasphemou, antes, paciente,
Com doçura profunda e inalteravel,
Supportava pobreza e desventura,
Cheio de Deus o coração, bem como
De luz e aroma o coração das flores...

O' doce e meigo Espirito
Que em lucilantes páramos de certo
Adejas,—galardão bem merecido
De quem, vencendo o Golgotha dos annos,
Outro amparo não teve que a constancia
Na virtude serena e acrisolada!

O' sombra luminosa
De minha Mãe! Agora de meu filho
Sê a avidosa guardiã, a branda,
Carinhosa e risonha companheira!

Embeleza-lhe a estada no Infinito !
 Dissemina-lhe em torno o transcendente,
 Almo perfume dos jardins sidereos !
 Approxima-o das puras harmonias
 Das espheras ! Ensina-lhe em surdina
 Ao deslumbrado espirito innocente
 A palavra divina dos Eleitos !
 Communica-lhe a intermina alegria
 Do que, estando no escuro acorrentado,
 Se partiu para a luz e a liberdade,
 Para longe da treva e da amargura !

Aqui fico, no ergastulo da vida,
 A chorar o infortunio que me ennoita,
 A saudade indizivel do meu filho,
 A dor atroz de não haver sabido
 Conserva-o commigo, e venturoso !
 Tu, porém, minha Mãe, guarda-o comtigo,
 E ao Supremo Senhor pede me seja,
 Quando eu deixar o envólucro terreno,
 Permittido encontral-o sorridente,
 E estreital-o, feliz, com os meus abraços,
 E envolvel-o na chuva dos meus beijos,
 E ficar a seu lado, acompanhando
 Ao seu destino a eterna trajectory !

Minha mãe ! Minha Mãe ! Toda a tristeza
 Do mundo na minh'alma se accumula !
 De meu filho a saudade me parece
 O conjuncto de todas as saudades !
 E somente a esperança de algum dia
 Achal-o novamente é que me ampara,
 —Ponto de luz na sombra do horisonte
 Apontando o caminho ao que o perdera,
 Vela de barco a illuminar-se ao longe
 Ante os olhos do naufrago das vagas...

VIRIATO CORREA, nasceu em Pirapemas em 1883. Jornalista, *conteur* e escriptor theatral dos mais distinctos da actualidade.

Tem numerosos livros publicados: Terra de Santa Cruz, Bahú Velho, O Brasil dos meus avós, Historias da nossa Historia, todos muito procurados.

A princeza tabajara

As mulheres mais idosas, os guerreiros mais brilhantes, acabaram de celebrar os feitos marciaes da tribu. O executor apanha de novo a arma, empunhando-a arrogantemente. Arcoverde entrega outra tanga-pema a Jeronymo de Albuquerque.

De subito, um silencio pesado em tudo. Parece que, naquelle instante, ninguem respira.

—Defende-te, que vou matar-te!—grita o sacrificador ameaçando.

E ergue a maça. E vae descarregal-a sobre a cabeça do portuguez, quando um grito retine no meio da turba. A tangapema fica no ar, suspensa, segura pelo puiso estatico do luctador selvagem.

Todos volem os olhos para traz, surpresos. E a filha do Alcoverde, a famosa Espirito Santo, a mais tentadora princeza tabajara, surge dentre o povo, desgrehada, vibrante, olhos em fogo, braços palpitando num gesto de supplica:

—Párem! parem! parem!

E agora, toda voltada para o pae, banhada em lagrimas, insiste:

—Poupe-lhe a morte, poupe-lhe!

Arcoverde fixa-lhe os olhos por instantes e, como que temendo a sua propria fraqueza, vira-lhe as costas e vae soprar de novo a trompa, para que o sacrificio continúe, quando ella, a princeza, num salto, lhe arranca a busina da bocca.

A aldeia inteira estremece. Ficam todos estarecidos deante daquella filha, que assim, deante da tribu, desrespeita o pae; ficam todos transidos de susto, deante daquella moça que, aos olhos da taba, affronta os odios do mais glorioso e do mais respeitavel guerreiro tabajara.

O velho Arcoverde defronta-a. Sente-se que toda a sua revolta vae desabar tremendamente. Uns sons cavos saem-lhe do peito.

A rapariga comprehende tudo. E, arrebatando uma flexa das mãos de um guerreiro ao lado, quebra-a nos joelhos e, com o pedaço da lança apontado ao peito, exclama desvairada:

—Se lhe não poupare a vida, morrerei tambem. Uma nuvem passa pelos olhos de Arcoverde. Os seus braços ficam como que tolhidos, pesados, bambos, sem energia de um gesto. De olhos zonzos fixa os olhos da filha. Ella está alli, immovel, de lança apontada ao peito, á espera do momento para enterral-a. Um segundo é bastante para que ella deixe de existir.

E uma onda de sangue sobe ao rosto do velho chefe. A um gesto seu, o executor atira ao chão a tangapema cruel.

Não ha um movimento, não ha uma palavra naquella multidão surpresa. Parece até que a natureza em roda, o ar a vida, tudo paralisou.

Arcoverde caminha até á filha, toma-a pela mão, segue até junto de Jeronymo de Albuquerque, desamarra-o das cordas e fala:

--Queres poupal-o?

—Quero! responde a moça.

—Porque?

—Porque o amo.

O patriarcha tabajara impelle o fidalgo portuguez, já livre, aos braços da virgem selvagem;

—E' teu.

JOSÉ LUSO TORRES, nasceu em S. Bento, a 10 de junho de 1879.

E' um dos officiaes mais competentes do nosso exercito e um dos maiores nomes das nossas letras pelo fulgor da sua adamantina intelligencia e pelo seu brilhante e sólido preparo.

E' de sua auctoria um excellente livro de chronicas, *Corrente Calamo*.

O poder de pensar

...Ao poder de pensar, por ser attributo da intelligencia, nenhum outro poder sobrepuja, que tem elle alguma coisa divino, é a mais bella e a maior força de quantas exercita o homem, como todas promanam das fontes superiores que só o pensamento cria, ordena e movimenta.

O poder dos reis, o poder dos déspotas, o poder dos generais victoriosos, nenhum é poder, tudo é instavel e fragil, tudo se apaga com o rodar dos tempos, ao passo que o poder de pensar, gerado no mysterio das correntes espirituaes, procede de energias reconditas, infinitas, e tem como a intangibilidade das coisas verdadeiramente sagradas. Quando Epicteto escravizado, sustenta que sua alma é livre, está ostentando, na mais alta expressão da dignidade humana, o poder de pensar. Depois de tantos seculos, através de violencias e a despeito de todos os crimes que tem ultrajado a civilização, paira sobranceira á nossa imaginação a figura desse homem que, sob a ferrea ignominia do captiveiro, amava e sabia enaltecer a liberdade.

Tudo isto, eu o sei, já está dito e traduzido na conhecida formula, que preconisa, como unicas, duradouras e preponderantes, as forças moraes. E' preciso, comtudo, repetirmos todas as bellas idéas, porquanto, neste mesmo torneio das palavras estamos cultivando e desenvolvendo o poder de pensar.

JOÃO MATTA DE OLIVEIRA ROMA, nasceu na Chapadinha, a 24 de fevereiro de 1894. Doutor em direito, professor intelligente e culto, poeta de versos correctos e espontaneos que deixam uma agradável impressão ao leitor. Fora outras obras publicadas, tem mais Fructos Selvagens e Versos de Enor, dois bons livros de poesia.

Modelo

Hei tentado descobrir
 Nesses bons escriptos velhos,
 Que se chamam Evangelhos,
 Um caso nunca explicado:
 Eu desejo ardentemente,
 Desbravando a espessa treva,
 Conhecer qual a cor de Eva,
 Que de Adão viveu ao lado,

Seria ella branquinha,
 Loira como o astro fulgente
 Que despertasse na gente
 Uma idéa de arrebol?
 Seria, acaso, uma filha
 Lá do Caucáso nevado,
 De olhar felino, azulado,
 Cabeça fulva de sol?

Seria de olhar obliquo,
 Cabellos longos e lisos,
 Sem curvaturas de frisos
 Na sua longa extensão?
 Seria assim como eu vejo
 As filhas do Sol-Nascente?
 Seria como a semente
 Plantada lá no Japão?

Seria negra, a negrinha
 De cabellos retorcidos,
 Enroscados e tecidos
 Como ninho de Japy,
 Parecendo lá no céu
 Um ponto de exclamação,
 Que, tendo a cof de carvão,
 Não quizesse estar alli?

Não, não creio. Creio apenas,
 Quando fico a contemplar-te,
 Que com muito engenho e arte,
 Deus fez a mulher primeira
 Assim, nem branca nem preta,
 Nem loira nem cafusinha,
 Mas fel-a assim bonitinha,
 Num typo de brasileira.



RAYMUNDO CÔRREIA DE ARAUJO, nasceu em Pedreiras em 1885. O seu estro se expande em versos cantantes e magistraes. O seu nome é conhecido em todo o Brasil e na Europa.

E' auctor do primoroso livro de versos Evangelho de Moço.

O Diamante

Passo... Flammeja o sol. Subito diante,
 De mim, em plena rua, a irradiar,
 —Sol minusculo—um ponto fulgurante
 Exsurge e attrahe-me vivamente o olhar.

Vendo-o, de longe, exclamo: «Eis um diamante»!
 E quão forte é o meu pasmo ao deparar
 Um fragmento de vidro que, offuscante,
 Refulge ao vivo resplendor solar!

Muita gente assim vive e annos, illude.
Vendo-a, logo, suppomos-lhe virtude,
Genio e força, de longe é o «Grão Mogol».

Mas, se um dia de perto a contemplamos,
Um pedaço de vidro — eis o que achamos,
Num mudo assombro, fulgurando ao sol!



DOMINGOS QUADROS BARBOSA, nasceu em S. Bento a 23 de novembro de 1880. Jornalista, escriptor, contista e orador distincto.

Entre as suas obras apontam-se Mozaicos, Silhuetas Dominó Vermelho, Contos da minha terra.

Recordando o Maranhão

A VESPERA DE REIS!...

Que quantidade immensa de evocações ella me traz, de factos da minha infancia e da minha juventude, em S. Luiz do Maranhão!

Naquelle tempo ainda ninguem sabia o que eram os *reveillons*, que tiraram á noite alegre e sagrada as características que lhe davam a continuidade de antigas usanças, e de tocantes tradições.

Na noite da vespera de Reis ninguem dormia.

Todos a festejavam.

Gente de todas as camadas tinha o seu *Reis*, com que andava, cantando pelas ruas, ou que recebia em casa.

Logo cedo, sem orchestra, e aos magotes, era o rapazio ou mesmo homens, com o *réco-réco*, que *esguelavam* :

*Menino Jesus da Lapa,
Que na Lapa foi nascido...*

com o estribilho :

*Lá mesmo na Lapa, (tris)
E' que eu quero triumphar.*

Passavam, com musicos, mais tarde, o *Reis das cozinheiras*, o *das lavadeiras*, o *da borboleta*, e outro mais, de creoulas moças e velhas, todas de branco, com faixa de cor e flor nos cabellos, cantando, já mais afinadas, e com ordem, os versos que o povi-
léo que ás seguiu, tambem cantava, fazendo côro :

*Todo o mundo já dizia
Que o Oriente não sahia,
O Oriente está na rua,
Com prazer e alegria.*

Os musicos igualmente organizavam *Reis* seus, e ainda me recordo do *dos Jerusalemitanos*, que congregava os melhores instrumentistas da cidade.

Tambem os alumnos do Lyceu Maranhense fizeram um, durante muitos annos: o *Reis dos estudantes*. Delle fiz parte varias vezes. A musica e os versos eram bem feitos, e ensaiados a capricho. Visitava as casas das familias dos seus componentes, e ainda as dos professores, recebido festivamente em todas, com fartas mesas de doces e bebidas. No começo, tudo muito bem. Pela noite a dentro, as libações faziam, ás vezes, desafinar as vozes e estropiar a letra, como certa feita, em que um *solista*, na residencia de um professor,— e logo do de Portuguez!— cantou assim o 3.º e 4.º versos do estribilho :

*...Que o Reis dos estudantes
Já vai se "arretirando".*

Tambem as familias da melhor sociedade organizavam *Reis*, em que cantavam senhoritas e senhores de voz escolhida, com optima orchestra.

Mandavam prevenir da visita, nas casas aonde iam. Entravam, cantavam, eram fidalgamente obsequia-

dos, e, antes de se retirarem, quasi sempre, na sala, pares rodopiavam ao som duma valsa da moda.

No ar, que rescendia a alecrim, a cravo, a orisa, a rosa todo-anno, erravam sons de vozes e de instrumentos, que somente se calavam quando a manhã rompia, corada e fresca...

No outro dia, rara era a casa em que se almoçava á hora,—maximé se a cosinheira era do *Reis* da sua profissão, ou da *berboleta*...

Mas quem tinha vontade de almoçar, com o estomago ainda cheio de bolos e doces, e com o corpo fatigado da noite festiva?...

Com o tempo, com o progresso, com o cinema, com os automoveis, com os *reveillons*, os *Reis* passaram a ser um anacronismo, e cahiram de moda.

E, assim, hoje, talvez apenas em algum arrabalde, um grupo de populares, ou um punhado de creoulas, cante um dos *Reis* de outrora que enchiam de sons e de alacridade a velha cidade de S. Luiz do Maranhão, nos doces tempos da minha meninice e da minha juventude...



LAURA ROSA, competente professora e poetisa de de brilhante inspiração. E' de sua lavra o livro de contos «As Promessas».

A carnahubeira

Soberana, elegante, altiva e erecta,
Num requinte de encanto vegetal,
E', das palmas, a minha predilecta,
E' a formosa princeza do areal.

Quando a sombra lhe traça a silhuêta,
Desenhando-a no solo, tal e qual,
Não ha linha de graça mais completa,
Que o seu talhe de estirpe esculptural.

Quando o vento lhe beija a cabelleira
 E ella agita seus leques de palmeira,
 Não ha palmas de graça mais gentil.

Ide vel-a, senhor, formosa e altiva,
 A mais bella e gracil pintura viva,
 E' a mais linda palmeira do Brasil!



CARLOS HUMBERTO DOS REIS, nasceu em S. Bento, a 15 de novembro de 1885. Intelligencia culta e de escól, advogado e jornalista, orador vibrante, é uma das figuras mais representativas do Maranhão actual.

Produções: O Divorcio e o Suffragio Feminino.

O Divorcio

Preslustrando as paginas historicas da nossa evolução juridica, veremos que, a não ser de longe em longe, a marcha geral da vida do direito, entre nós, raramente tem sido perturbada pelo surto divorcista que se fez sentir em outras nacionalidades.

Dos nossos lidimos cultores das lettras juridicas, os que tomaram aos hombros a tarefa de blaterar nessa tecla pouco se avisinham da insistencia, aliás, valorosa, pela sua possante mentalidade, do maior arauto da ideia do divorcio «a vinculo», no Brasil,— o sr. Martinho Garcez.

Não fôra a felicidade para a communhão brasileira, de collidir a sua phase de legislador emerito, com a de Ruy Barbosa, talvez ninguem o detivesse com vantagem, nos seus propositos, brilhantemente estereotypados em trabalhos oratorios que reflectiam estudos profundos, amparando e levando aos seus pares a convicção de que sanearia o casamento, com a adopção do divorcio.

Nos seus discursos punha, qual affirmára, a cons-

ciencia ao serviço da patria, invocando conceitos e opiniões de illustres pensadores e homens de letras de toda a parte.

Assistiu, porem, o desmoronar do pomposo edificio construido pela sua fecunda imaginação, ao toque da formidavel clava que sobre elle desfechou o maior dos nossos jurisconsultos.

Nenhum argumento seu ficou de pé, porque Ruy Barbosa, que por vezes, ultrapassara os limites do saber humano, raiando pelo divino, revestiu as suas propheticas verdades do brilho da sua palavra privilegiada e apontou ao seu paiz, da tribuna do Senado, hoje, viuva de tão mavortica genialidade, os erros do projecto e os males que d'elle se originariam para a decomposição da nossa sociedade.

A indole natural dos nossos legisladores sempre foi contraria á dissolução do vinculo matrimonial.



RUBEM ALMEIDA, nasceu nesta capital a 9 de maio de 1896. Um dos maiores maranhenses vivos pelo seu bello talento e encyclopedica cultura.

Tem para o prelo uma magnifica obra: Pantheon das Selvas.

Japy-assú

Japy-assú, o valente Tupinambá, a cujas ordens suprema obedeciam *Jacu-pen*, o formoso Jacú; *Tatá-assú*, o grande Fogo; *Tecôarê-ubuy*, a Maré de sangue, e *Pacoara-bebû*, o Barriga cheia de paca!

Japi-assú, que, dias após a chegada dos Francezes os foi visitar nas *Arupagés* que lhes haviam edificado seus subditos prestimosos; não para fazer-lhes aquelle falso discurso que lhe attribue o falsissimo Abdéville, mas para indagar-lhes das suas intenções!

Japi-assú que, na manhã de 30 de setembro de 1612, recebeu em sua casa, a comitiva composta de

Rasily, des Vaux, padres Abbéville e Arsenio, mandando, como prova de subida gentileza, armar as rês dos visitantes em lugar das suas, que ficaram juntas, obsequiando-os do melhor modo, com essa hospitalidade ancestral que, ainda hoje, praticam os caboclos seus descendentes!

Japy-assú, o varão de 100 primaveras, que ainda tinha orgulho em lançar a *tarrafa* ligeira para surpreender o cardume de tainhas que fervilhavam nas cristas da maré enchente; que atravessava, com a sua *tacoara* ricamente emplumada, o coração do *uyratá-uyrã*, quando deslisava, sereno, para vel-o cahir, em helices caprichosas, deplumando a coroa grisalhada que lhe ornava a cabeça imponente; que passava nou-tes a fio a espera do *suassú apar*, de cujos galhos fazia ornato para a *taba*; que ostentava no collo, marcado de cicatrizes heroicas, a famosa *moira-kitã*, presente incomparavel de gentis *icamiabas*, apanhada no fundo rebrilhante de *Jacy-uaruá*, na distante noute de amor que ainda lhe fazia bailar a saudade no coração!

Japy-assú que ouviu, religiosamente, o discurso que em *nheen-gatu* lhe dirigiu Des-Vaux, para retrucar, não com o disfarce que lhe attribue Cl. Abbéville, mas, certamente, com aquella mesma indomitez de *Mamboré-uassú*, no congresso de *Eusaap*!

Japy-assú que, durante 14 dias, de 30 de setembro a 13 de outubro, teve como hoppedes sagrados os Francezes invasores, supportando-lhes as mentiras, as imposições, ouvindo-se continuamente chamar de *Canibaes e Anthropophagos*, até á conclusão daquelle enganoso apparatus que foi o erguimento da cruz bem no meio da praça circular cercada pela *taba*!

Japy-assú, de quem se conta haver ordenado *E Yuca!* mate-se! a uma pobre india surprehendida em adulterio, para encontrar um ensejo de admoestar os Francezes pela «Doutrina má» que derramavam entre os incolos!

Japy-assú! Ouvir-lhe o nome, é recordar, quasi sem o querer, o anno já distante de 1612 em que elle dominava como um rajah toda esta formosa ilha sob a protecção de Ziu-Pan collocada!

E' evocal-o na sua figura magestosa de Centenario, dirigindo as mulheres de Tupinambás que habitavam estas mesmas terras que hoje habitam caboclos, seus dignos descendentes, em sua vida patriarchal, roçando as terras, tarrafeando os cardumes, armando ás aves, espreitando a caça, para depois folgar na ingenuidade do seu bumba, no alvoroço do seu araban, nos mysterios de seu tributo ás forças subterraneas!

Japy-assu! Juniporã! O que hoje se chama S. José dos Indios, onde o Velho Miguel, nos seus 80 e tantos janeiros, é ainda, nos dias que correm, o mais respeitado caboclo de toda a Ilha, detentor do commando que lhe confiaram os seus maiores!

Hoje, 318 annos depois de plantada a cruz na Ilha que habitamos, recordo com saudade a figura gigante do grande Tupinambá, cujo nome precisa de ter o nosso culto e a nossa admiração.



JOSÉ MATTA ROMA, nasceu na Chapadinha, a 23 de janeiro de 1896. Bacharel em direito, professor e poeta.

Nos prêlios das letras e da vida é um triumphador, devendo tudo a si proprio, a sua intelligencia, ao seu trabalho honesto e proveitoso.

Muito tem produzido, Theses de concurso, bem elaborados discursos e versos esparços.

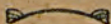
Igreja do Desterro

Ha no meu quarteirão desprésada uma ermida,
Sem alfaias, sem côr, no abandono da seita,
O seu culto de outr'ora, uma cruz imperfeita,
Relembra á multidão dos céos desilludida.

Entre ufanas rivaes no desterro esquecida,
Soffre a magua fatal da chimera desfeita,
E só para subir a Deus uma alma eleita,
O velho sino plange em nota dolorida.

A minha vida é como a vida desta igreja,
Emquanto sonhos bons outros peitos povoam,
Sem glorias, sem amor, nem a crença me beija.

Do passado só resta uma triste lembrança;
E no meu coração que é o sino d'alma soam
Os rebates finaes da mais bella esperança.



LEONETTE OLIVEIRA, nasceu a 14 de julho de 1888.
Uma das melhores poetisas do Maranhão.
Livros publicados: Flocos, Miragens.

Gottas de pranto

Gottas de pranto, gottas crystalinas,
que tristemente dos meus olhos descem;
perolas brancas, tremulas, divinãs,
flores de inverno que jamais fenecem;

Ide nas duas azas pequeninas
dos meus sonhos azues que empallidecem,
ide por sobre as ondas diamantinas,
ide! e dizei que as minhas dores crescem

Voai! correi nessa galéra branca,
que esta saudade do meu peito arranca,
cheias de sonhos e illusões fugaces.

...Depois de terdes doudejado afflictas,
voltae de novo, oh! lagrimas bemditas,
voltae de novo para as minhas faces!

CLARINDO SANTIAGO, nasceu a 12 de Agosto de 1893. Medico e litterato primoroso. Honra o Maranhão com os seus escriptos vāsados numa linguagem tērsa e harmoniosa. Os seus trabalhos sobre Gonçalves Dias e Souza Andrade são duas formosas joias litterarias.

Sertanejo

Eu te admiro, sertanejo, na tua simplicidade, dentro dos teus habitos, no meio das tuas obrigações, quer te veja descalço e dorso nú, ao sol causticante, a cuidar da tua lavoura, quer te acompanhe o vulto, até perder de vista, dentro das tuas vestes de couro, o chapéu, o gibão, o guarda-peito, as perneiras, essa armadura que te permite passar, a salvo de espinhos, por onde passe a tua rez tresmalhada.

Admiro-te na paciencia com que, ao som das campanas, guias as tuas tropas de passos tardos, estalando a linha de quando em quando. E contemplo-te assim, até desaparecer na curva da tua estrada, sob o peso da fatalidade de encaminhar o mantimento para a *urbs* distante, essa entidade que não te ensinaram bem onde fica, mas vae dia a dia absorvendo todas as tuas energias, no algodão que transportas, no couro que conduzes, no gado que diriges

Admiro-te na successão dos teus dias, iguaes sempre a serviço dessa mesma cidade insaciável, pela qual trabalhas, sem enthusiasmo nem de conhecel-a, pagando, sem que te caiba a culpa, com a indiferença pelo seu aperfeiçoamento, o desprezo injusto que a cidade te vota.

Admiro-te assim, sem revoltas, sem queixas, sem anciedades, sem inquietações, persistente no teu labor moroso, lento, mas continuado, sem treguas, nem recompensas.

Admiro-te na tua constancia.

Nas serenidades com que vences as distancias, sem pressa porque esta te é inutil, sem fadiga porque um ponto qualquer onde a noite te encontre, esse te

serve de pousada. E viajas sempre alegre, attento ao canto da jaó, que ouves, a todo momento, a teu lado, canto que não parece provir de dezenas, centenas dessas aves espalhadas ao longo da matta, a julgar pelas vezes em que escutas as tres notas magoadas, mas de uma só jaó que te acompanhasse pelo caminho.

Admiro-te na desambição que te faz resumir o teu paiz, o teu mundo, na tua estrada, á beira da qual tens tudo, o teu rancho, a tua roça, o teu curral, o terreno dos teus mortos.

Quantas vezes a cruz erguida numa encruzilhada faz lembrar a sentença de Euclides da Cunha: «O sertão é homisio. Quem lhe rompe as trilhas ao divisar á beira da estrada a cruz do assassinado, não indaga do crime, tira o chapéu e passa.»

A cruz que ergues porem, sertanejo maranhense, raramente assignala um episodio criminoso. O teu sertão é calmo. Nelle vives serenamente, graças á confiança que te inspiram os visinhos, sem temor ás trahições, aos roubos, dormindo tranquillo na tua choupana, muitas vezes de palha de arroz, outras cobertas de cavaco, casa fragil de portas e janellas que nem sempre teem com que sejam fechadas.

O teu sertão precisa apenas que a cidade se lembre delle todos os dias.



MANOEL SOBRINHO, nasceu no municipio de S. Francisco, a 4 de janeiro de 1897. Espirito lucilante, poeta de larga inspiração, tem producções bellissimas.

Auctor de um livro de versos, ainda inédito: Petal-as e Farpas.

Resurreição

(Aos moços do Maranhão)

Que é de o sol, que explodindo em raios espontaneos
Scintillou, por aqui, risonhamente aberto,

Almas robustecendo e illuminando craneos,
Do berço de Odorico ao tumulo de Humberto?

Acaso se extinguiu nos ermos subterraneos
Deste eclipse mental visivel, descoberto,
Que nos ensombra, a nós, moços meus conterraneos,
Eeixando, para sempre, o nosso céu deserto?

Não! Estendei o olhar aos longes horizontes,
E vereis o dealbar de uma era nova, os montes
Do Passado envolvendo em luz alviçareira.

E' o sol, que vae surgir, é o mesmo sol de outrora,
Que em vós vae renascer, gloriosamente, agora,
Para a resurreição da Athenas Brasileira!

1936



PADRE ASTOLPHO SERRA, nasceu na villa da Matinha, municipio de Vianna, em 22 de Maio de 1900. Jornalista destemeroso, orador eloquente e apreciadissimo, e poeta vibrante de scintilante inspiração. O seu Gleba que canta é um esplendido livro de versos, contendo um poemeto maravilhoso: Pó.

Mater Dolorosa

Deante de um quadro de Maria Santissima beijando
o divino filho morto

Duas grandezas neste quadro vejo:
Jesus, a dor, humanizando o amor,
Maria, o amor, divinizando a dor,
E a dor e o amor na synthese de um beijo...

São duas almas que no mesmo archejo
Unidas soffrem num immortal palor:
Jesus morrendo como morre a flor,
Maria em pranto a soluçar um harpejo...

Mas, vêde agora na fatal montanha
A Santa Virgem nessa dor tamanha
Beija, em silencio, de Jesus a face...

E nessa angustia, desse beijo mudo
Ella, na dor, de seu amor diz tudo
Falando muito mais do que falasse...



ASSIS GARRIDO, nasceu nesta capital, a 14 de Agosto de 1899. Poeta de muito talento. Os seus versos de emoção natural, ora se apresentam vibrantes, ora repassados de um suave lyrismo.

Obras publicadas : Regina, D. João, O Meu Livro de Magua e de Ternura, etc.

Os Trilhos

Pelos caminhos, paralelamente,
Esses trilhos, correndo,
Não dão á gente,
Apenas a impressão
De duas almas que se estão vendo
E se busquem em vão.

Eu, por exemplo, tenho outra impressão :
Esses trilhos, que, em vão,
Em busca um do outro se consomem,
Indifferentemente á humanidade,
Têm qualquer coisa do Homem
E qualquer coisa da Felicidade.
E' a alma do Homem, de um lado,
Eternamente insatisfeita,
E do outro lado
E' o vulto ambicionado
Da Felicidade que o espreita...

Por mais que se prolonguem, na corrida,
Nunca se encontram pela vida...

ANTONIO CARVALHO GUIMARÃES, nasceu no município de Passagem Franca, em 14 de julho de 1886.

Advogado, jornalista, poeta, e alto funcionario do Ministerio da Educação,

E' auctor dos livros: Sombra pagã, D. Pedro II e a Republica (versos),

Soneto

Foi no tempo feliz da vaqueijada:
Floria o campo. O coqueiral abria
Os leques verdes, pela madrugada,
Quando o Vento do Norte o sacodia.

A alma simples da Selva perfumada
De flores novas o sertão enchia,
Diligente, o vaqueiro, na chapada
A' procura do gado prosegua...

Accorda a vida toda da vivenda.
O Sol banha de luz as flores todas
Das arvores da porta da Fazenda...

Sahimos pelo campo, agora em festa,
Para assistir dos passaros as bodas
No verde coração desta Floresta!



FULGENCIO PINTO, nasceu a 1.º de janeiro de 1894, em Araçagy, interior da Ilha do Maranhão

Escriptor de excellentes qualidades e optimo observador da vida do nosso povo.

Bibliographia: *Dr. Bruxellas e Cia. e no prelo Bequimão e a Conjuração Maranhense.

Ilha de Jevirée

O mez de agosto corre subtil entre fragancias de flores e rutilações de orvalhos.

E' a hora mais linda da tarde,

Um aloirado quasi divino, se estampa ao longe, nas cumiadas das nuvens, envolvendo num grande amplexo de claros e sombras, o céu e a terra morena da America, patria de uma raça côr de cobre que adora Tupan.

No horizonte purpura, ha uma verdadeira agonia de contrastes de luz.

O occidente convulso, numa tragedia de sangue, pinta-se de rosa e escarlata.

Timbohu enche-se de ruidos.

Jevirée parece dormir.

E' no recesso verde-escuro da selva, onde a onça brame, e troncos em arborecencia, montam guarda avançada.

E' no verde escuro da mattaria brava, onde as galhadas se enrelaçam com o cortinado espesso dos cipós, dos ramos engrinaldados de flores, de trepadeiras, de liames, de parasitas, de filamentos.

E' no coração acobreado das folhagens, derramando-se em festões, onde zumbem os insectos multicores e rastejam os réptis venenosos.

E' alli, bem perto de Jevirée, a Jevirée que é o orgulho e sonho de Des Vaux.

E' alli que rebôa a poracé guerreira.

O *uapy* tambôr de rebate, ronca no fundo umbroso da matta annnnciando a festa.

Feras bramem nas furnas.

Ouvem-se soluços nas fontes, contando lendas subtis, do paiz encantado das aguas.

Gritos de arapongas repercutem ao longe, nas quebradas dos barrancos.

Lá no meio aggressivo das galhaças, braços formidaveis, troncos musculosos de arvores seculares se entrelaçam em luctas titauicas e descem para o solo, a sugar a humidade da terra virgem e moça.

Nas alturas magnificas um rajah esplendente, arasta as suas armaduras de oiro, como um guerreiro

moço e arrogante que volta victorioso de um combate.

E' o sol americano.

Crivos luminosos, estendem-se sobre o fundo colorido, do tapete esmeralda, das ervas rasteiras.

Por toda parte ha vertigens de paisagens verdes, que se misturam com o bailado dos insectos, numa immensa phantasia de cores que embriagam os sentidos.

Cerram-se as cortinas da noite.

O luar derrama cataractas de crystal.

A mãe da lua gargalha sinistra.

A matta inteira tem emoções de virgem adormecida, que voluptuosamente desperta, para receber milhões de caricias crystalisadas, que a lua lhe offerece, tecendo-lhe nos labios verde bronze, a renda de um poema enorme de beijos de luz.



JOSÉ SILVEIRA DE MENEZES, admiravel poeta, auctor de um magnifico livro de versos. Labaredas.

Garças

Alvas garças, ingenuas, setinosas,
Espaço fora em languidas revoadas,
Manhãs cedo, ei-las, tremulas, nervosas,
Procurando no mar as alvóradas.

E quando, em negras ondas revoltosas,
Pescadores tem arcas naufragadas,
Ellas—pombas d'Alliança, esperançosas,
Dão-lhe novas de terras almeçadas.

Niveas garças—emblemas da Concordia!
 Azas cantando sob um céu lilaz
 —Bandeiras brancas da misericordia!

—Nunca devia um caçador audaz
 Assassinar tão brancas creaturas,
 Tão brancas que por si já pedem paz!...



VICENTE SARAIVA MAIA, nasceu a 16 de setembro
 de 1894.

Professor e poeta. E' um bello espirito que sabe ex-
 teriorisar os seus sentimentos em versos faceis e bonitos.

Livro a publicar: Colmeia.

Meus Castellos

Castellos da mocidade
 —Meus castellos de Illusão...
 Que o sopro da Realidade
 Fez botar todos no chão.

Castellos que a Phantazia
 Pintou da cor do arrebol
 A gaze da manhã fria
 Com rutilancias do sol!

Agora, desmoronados,
 Que dor em vos contemplar...
 Tantos sonhos soterrados.
 Tão lindos quanto o luar!

No caminho da Saudade,
 Onde, triste, os olhos ponho,
 Vaes chorando, Oh! Mocidade,
 Nas ruinas do meu Sonho...

RIBAMAR PEREIRA, nasceli a 17 de setembro de do 1898. Jornalista e poeta de talento. Nos momentos precisos sabe urdir bons discursos, sendo ainda um excellente barytono. Como advogado é o defensor dos humildes.

Tem publicado nos jornaes da capital e de fóra, numerosos artigos, sonetos e poesias.

Sabiá

Menestrei das palmeiras verdejantes,
No teu canto dulcissimo desatas
O mysterio das frondês farfallhantes
No seio opulentissimo das mattas.

Tens na voz harmonias sussurrantes,
Que nos empolgam e onde, fiel, retratas,
Dos nossos rios: —aguas marulhantes,
Dos nossos montes —pincaros de pratas.

Fitas o Ceu azul e, enamorado,
Desferes os trinados mais sentidos,
Que a pauta musical tem revelado,

Porém não sabes que o teu canto encerra
Todos os sonhos lyricos vividos
Pelas noivas gracios da minha terra.



RUBENS DAMASCENO, nasceu a 20 de setembro de 1904. Professor de desenho e intellectual distincto. Os seus escriptos são moldados num estylo agradável e debaixo de perfeita correccão de linguagem. Trabalho publicado: Oração de paranymphe.

A familia

Alma viva da nação, sacrario onde Deus collocou o mysterio da perpetuação humana; sarça mira-

culosa de onde o christianismo retirou a mulher, al-candorando-a num hélo de luz, para enche-la de gra-ças, coroa-la de rosas e santifica-la;—a familia, com ser, por tantos titulós—«a primeira auctoridade natu-ral em materia de educação», deve despertar no espi-rito de todos os educadores, o mais elevado ideal de sublimação huirana. Nesse mestér, a escola é o factor precipuo, porque—entre os seus maiores objectivos se perfila o da cooperação entre paes e professores, aliados na obra commum da exaltação da familia e da escola. E da harmonia dessas duas forças potenciaes, opera-se, por fim, a eclosão do amôr á Patria e do culto á Deus.

De Hovre diz que a familia «é cellula do orga-nismo social tanto quanto do organismo educacional».

Se no vosso apostolado assim comprehenderdes e assim fizerdes, convencidos como Isaias Alves, de que «o fundamento da educação é o fortalecimento da idéa da Patria, pela cohesão das familias, dentro dos principios da christianismo», o Brasil de amanhã, estuando de civismo e de fé nos seus destinos, aben-çoará as vossas almas, glorificando-as no thabor da historia, porque soubestes redimi-lo da inconsciencia e do desvario dos maus, para integra-lo na posse das misericordias de Deus!



JOSÉ RIBAMAR PINHEIRO, nasceu a 13 de junho de 1900. Jornalista e poeta vibrante, sabe com facilidade usar da palavra que é sempre attrahente e bella.

E' auctor do Cathecismo Civico, adoptado nas es-colas primarias do Estado.

Milagre da Graça

Recebo a embaixatriz da Graça e da belleza
No castello feudal da minha Phantasia...
E o vetusto salão, de uma algidez sombria,
Sacode a poeira azul e a nevoa da Tristeza!

É neste espiritual ambienté de levesa,
 Beijo-lhe a nivea mão de rara fidalguia,
 Requintando na phrase e na galanteria,
 Cavalleiro que sou de rutila nobreza.

No meu velho solar ha tons da Lua-Nova
 E entre uma valsa antiga e o aroma que esvoaça,
 Ouve-se a ardente voz do menestrel da Trova.

E a nova castellã ao castellão tristonho
 Enche de eterno amor, e enche de eterna graça
 O castello feudal, já velho, do meu Sonho!

JOÃO CHRYSOSTOMO MARTINS NOGUEIRA DE SOUSA,
 nasceu a 27 de janeiro de 1892, em S. Luiz, Maranhão.
 Apreciado chronista, conteur, sabe ainda compor bons
 versos. E' auctor dos Sonetos Maranhenses, Bilhetes Ca-
 rioscas, (chronicas) e Ladrilhos (contos).

Trecho de viagem

O trem rolou atravez d'aquelles campos áridos e
 resequidos, prenhes d'aleijões deitados apontando o
 infinito com as corcovas desnudas em forma de mon-
 tes vermelhos. Não ha a paizagem verde e pomposa
 do norte com o resplendor de sua natureza exhubere
 e luxuriante. Ha a tristeza do escampado, a desolação
 da terra devastada por onde o braço maldito do ho-
 mem houvera passado em derrubadas criminosas. E
 os morros enterram a cabeça nas nuvens ou choram
 a sua melancholia sob a neve das manhãs muito frias
 e muito brancas!

A' borda da estrada ha casinholas de roceiros,
 cobertas de palha e, quiça, peiores que as dos nos-
 sos «caboclos» — umas esbodegadas e rombudas e ou-
 tras simplesmente réles sem uma plantazita ao lado
 como soem fazer os nossos naquelle acuidado con-
 juncto de poesia selvagem.

PERY GOMES FEIO, nasceu no Rosario, a 4 de Agosto de 1909.

Poeta expontaneo e sentimental. Elle canta a amargura, o soffrimento e a resignação em versos simples e commovedores.

Livros publicados : Chagas e Maguas.

Coração

O coração da gente,
E' como o sino das velhas cathedraes,
Que festivos, repicam docemente,
Nos dias de alegrias sem iguaes!

Outras, vezes,—coitados!
Os sinos tão magoados
Soluçam, plangem, soltam tristes ais!

.....

E' assim tambem o coração da gente,
Chorando, ao funeral; amargamente,
De uma ventura que não volta mais!

ANTONIO PIRES DA SILVA, nasceu em Caxias. Poeta moderno e auctor de bellas produções.

Sonho

Risonho
Sonho:

Nós dois, em frente de um altar,
Iamos com certeza nos casar...
Quanto riso! Quanta alegria,
Por ter chegado o venturoso dia!

Depois, acordo,
E... tristonho
Recordo

Que era sonho!...

Quanta desillusão! Quanta saudade!...
Ah! se este sonho fosse realidade...

casar

Opiniões valiosas sobre a Anthologia Maranhense

Petição do professor José Ribeiro de Sá Valle, propondo-se a organizar uma Anthologia de auctores e trechos exclusivamente maranhenses, para servir á juventude estudiosa do Maranhão e pedindo submette-la a apreciação de um conselho de professores, afim de que seja adoptada principalmente nos cursos gymnasial e normal do Estado. Designada uma commissão constituida dos professores Antonio José Cordeiro, José Nascimento de Moraes e Maria do Carmo Teixeira e ouvida a mesma commissão a respeito, o Director da Instrucção Publica deu o seguinte despacho :

Extraia-se copia do parecer da commissão e remetta-se a cada um dos professores secundarios de lingua portugueza, nos nossos estabelecimentos, tendo em vista o item 7.º do citado parecer, que é o seguinte: «A commissão acha que está na alçada de todos os professores secundarios da lingua portugueza indicarem aos seus alumnos a Anthologia Maranhense, de que se trata mesmo existindo compendios officialmente recommendados».

«Diario Official» de 27-2-1938.

O professor José Ribeiro de Sá Valle teve, em boa hora, a ideia felicissima de colleccionar trechos de escriptores maranhenses, destinando-os á juventude das escolas.

Que tarefa assim carinhosamente tratada e intelligentemente cumprida vem satisfazer uma necessidade que já se fazia tardar, é verdade ao alcance de todos, entre outros motivos, porque de obras dos nossos escriptores não as encontram os estudiosos com precisa presteza.

Entresachando com a devida oportunidade prosa e poesia, illustrando cada auctor com um pequeno indice bio-bibliographico e escolhendo caprichosamente os trechos, realiza o professor Sá Valle um trabalho digno por todos os titulos e merecedor dos applausos de todos os coestadanos.

Ruben Almeida

S. Luiz, 5-12-1937.

Sá Valle é um nome sobejamente conhecido em nosso meio litterario.

Bella intelligencia, grande esforço e tenaz vontade. Ahi estão os livros que tem escripto, num desejo immenso de ser util á instrucção de sua terra.

Agora apresenta um estudo sobre as mentalidades consagradas da nossa velha Athenas e as figuras em relevo de nossa Athenas moderna.

Mais uma vez põe em prova a perseverança de sua vontade e o brilho do seu talento estudioso. Será util á juventude escolar esse bello esforço de Sá Valle.

Laura Rosa

S. Luiz, 12-12-37.

De todos os attributos que marcam o José Sá Valle, poeta, professor, jornalista, funcionario publico —um o distingue mui claramente: o de infatigavel trabalhador das lettras. Editando um livro quasi por mez, é o Sá Valle autor de 28 volumes, os quaes, se não tem a grossura dos do Stefan Zweig e do Emilio Ludwing, merecem a nossa attenção pelo esforço invejavel do escriptor, que não encontra obstaculos em discorrer sobre qualquer assumpto, dando-nos arrojado exemplo do quanto pode a vontade.

Depois de tanto estimular, em vão, os seus coevos, que nada publicam, o Sá Valle (que alma bôa!) para não parecer que só elle produz, organisa uma Anthologia de escriptores maranhenses, destinada aos escolares.

Nas paginas da opportunissima obra do illustre professor, admiramos desde o ouro, o diamante e a perola dos do Pantheon á turmalinas, o pingo d'agua e o jaspe dos que ainda ensaiam. Até mesmo de um plaquet do amigo que nestas palavras o cumprimenta, o Sá Valle não se esqueceu.

E apezar dessê plaquet, eu indico a Anthologia Maranhense aos meus alumnos e a recommendo aos meus collegas, como um livro utilissimo aos que vão realizar o futuro do Maranhão, que não conhecem os que realizaram o seu passado, nem os que estão realizando o seu presente.

Matta Roma

S. Luiz, 18/12/37.

Admiro a persistencia do professor Sá Valle, sempre voltado, de corpo e alma, para as arduas tarefas do estudo.

Agora, é toda sua paixão a empleitada, que se propoz e que é por certo, digna de apreço,—a organisação de uma anthologia de auctores maranhenses.

Ainda bem.

Louvo-lhe a iniciativa digna dos nossos melhores applausos.

Astolpho Serra

S. Luiz, 21-12-37.

O Prof. Sá Valle num lance de larga visão vem de confeccionar uma Anthologia.

Nada mais justo que esse gesto do operoso professor, pois veio provar, mais uma vez, que a erudição dos nossos immortaes conterraneos é por si bastante para a composição de numerosos volumes.

Anthologia do prof. Sá Valle brilha principalmente pelo facto de constituir um compendio escolar vasado pura e exclusivamente nas paginas mais adoraveis dos nossos poetas e prosadores conterraneos.

Aguardemos, pois, anciosos o successo dessa obra que virá preencher um claro existente na nossa bibliographia regional.

Ao meu presado conterraneo os meus votos de proximo triumpho.

Alves Cardoso

S. Luiz, 26-12-37.

*Faça o favor de
fazer este livro
fazer*



Apoiado!

INDICE

Manoel Odorico Mendes— <i>Hymno á Tarde</i>	3
Francisco Sotero dos Reis— <i>Antonio Gonçalves Dias</i>	4
João Francisco Lisbôa— <i>A Festa de N. S. dos Remedios</i>	6
Antonio Gonçalves Dias— <i>Canção do Tamoyo</i> ..	8
Antonio Henriques Leal— <i>As margens do Itapecurú</i>	11
Trajano Galvão de Carvalho— <i>No roçado</i>	12
Joaquim do Sousa Andrade— <i>Vinte e oito de julho</i>	13
Joaquim Serra— <i>A Lei e o Direito</i>	14
Raymundo Teixeira Mendes— <i>O Amor</i>	16
Antonio Marques Rodrigues— <i>O Brasil</i>	17
Theophilo Dias— <i>O Rio e o Vento</i>	18
Arthur Azevedo— <i>As Estatuas</i>	19
Aluizio Azevedo— <i>No Maranhão</i>	20
Adelino Fontoura— <i>Celeste</i>	22
Henrique Coelho Netto— <i>Mandamentos civicos</i> ...	22
Raymundo Correia— <i>Mal secreto</i>	24
Frederico Figueira— <i>Paizagem sertaneja</i>	24
Raymundo de Sá Valle— <i>Silva Jardim</i>	26
Antonio Leal Lobo— <i>O cavaco no Ramada</i>	28
Astolpho Marques— <i>De Natal</i>	29
Joaquim Vespasiano Ramos— <i>Samaritana</i>	30
Humberto de Campos— <i>O brinquedo roubado</i> ...	31
José Joaquim Ferreira Valle— <i>O amor da liberdade</i>	35
Gentil Homem de Almeida Braga— <i>O Outeiro da Cruz</i>	36

Themistocles Aranha— <i>Despedida</i>	40
Francisco Fructuoso Ferreira— <i>O Extase do Sol</i>	42
José Pereira de Graça Aranha— <i>Belleza</i>	43
José Americo dos Albuquerque Maranhão Sobrinho— <i>O Mar</i>	45
Augusto Olympio Gomes de Castro— <i>Entrada e expulsão de estrangeiros</i>	46
Francisco Dias Carneiro— <i>Excerpto d'uma poesia</i>	48
Candido Mendes de Almeida— <i>Pagina de Historia</i>	50
Antonio Joaquim Franco de Sá— <i>Morrer cedo</i>	52
Antonio de Almeida Oliveira— <i>Escolas nocturnas</i>	53
Euclides Faria— <i>Soneto</i>	55
Francisco Olympio Viveiros de Castro— <i>A Liberdade profissional</i>	55
D. Luiz Raymundo da Silva Britto— <i>D'uma Carta Pastoral</i>	57
Arlindo de Sousa Martins— <i>Pau d'arco</i>	59
Raymundo Nina Rodrigues— <i>Trecho d'uma preleção</i>	59
Manoel Jansen Ferreira— <i>As duas Cruzes</i>	60
Antonio da Costa Gomes— <i>Louca</i>	63
Oscar L. Galvão— <i>Poesia e Critica</i>	63
Ulpiano de Vilhena Brandão— <i>O morro e o Deserto</i>	64
José Ribeiro do Amaral— <i>Episodio da Balatada</i>	65
João de Deus do Rego— <i>Querer e não querer</i>	66
Justo Jansen Ferreira— <i>A Barra da Tutoya</i>	67
Aluizio Porto— <i>Arrependida</i>	69
Hemeterio Leitão— <i>Vaidade das Vaidades</i>	70
Lucano Duarte dos Reis— <i>Pharol de Alcantara</i>	70
Antonio Vasconcellos— <i>Ultima Verba</i>	71
Catullo da Paixão Cearense <i>Versos da revista Marroeiro</i>	72
Hygino Cunha— <i>O Mal</i>	73
João Dunshee de Abranches Moura— <i>Natal Maranhense</i>	74

Ignacio X. de Carvalho— <i>O Sino de S. Pantaleão</i>	75
Augusto T. Fragoso— <i>Trecho de um discurso pronunciado á beira do tumulto do mar. José Bevilacqua</i>	
Achilles de Faria Lisbôa— <i>A Vida e a Terra</i>	78
Ignacio Raposo - <i>Morte do Bargado</i>	80
Benedicto de Barros e Vasconcellos <i>Jesus</i>	81
Antonio dos Reis Carvalho— <i>As duas estrellas</i>	82
Carlota Carvalho - <i>Carolina</i>	83
Theodoro Ribeiro Junior— <i>Christianismo</i>	84
Clodomir Cardoso— <i>A prosa de Ruy Barbosa</i>	86
Godofredo M. Vianna— <i>A memoria de Bequimão</i>	87
José Nascimento Moraes - <i>Velho terreiro!</i>	88
Armando Vieira da Silva— <i>Carro de Boi</i>	90
Antonio Lopes da Cunha— <i>Maranhão de outrora</i>	91
Alfredo de Assis— <i>Reynaldo</i>	94
Viriato Correia— <i>A princeza Tabajára</i>	96
José Luso Torres - <i>O poder de pensar</i>	98
João Matta de Oliveira Roma— <i>Modelo</i>	99
Raymundo Correia de Araujo— <i>O Diamante</i>	100
Domingos Q. Barbosa— <i>Recordando o Maranhão</i>	101
Laura Rosa— <i>A Carnaubeira</i>	103
Carlos Humberto dos Reis— <i>O Divorcio</i>	140
Ruben Almeida - <i>Japy-Assú</i>	105
José Matta Roma— <i>A Igreja do Desterro</i>	107
Leonete Oliveira— <i>Gottas de pranto</i>	108
Clarindo Santiago— <i>Sertanejo</i>	109
Manoel Sobrinho-- <i>Resurreição</i>	110
Padre Astholpho Serra— <i>Mater Dolorosa</i>	111
Assis Garrido— <i>Os trilhos</i>	112
Antonio Carvalho Guimarães— <i>Soneto</i>	113
Fulgencio Pinto— <i>Ilha de Jevirée</i>	113
José Silveira de Menezes— <i>Garças</i>	115
Vicente Saraiva Maia— <i>Meus Castellos</i>	116
Ribamar Pereira - <i>Sabiá</i>	117
Rubens Damasceno - <i>A familia</i>	117
José Ribamar Pinheiro-- <i>Milagre da Graça</i>	118
João Chrysostomo de Souza— <i>Trechos de viagem</i>	119
Pery Gomes Feio— <i>Coração</i>	120
Antonio Pires da Silva— <i>Sonho</i>	120
Opiniões valiosas sobre a Anthologia Maranhense	121

Do mesmo auctor :

Oração ao Maranhão
Coração de Pae (versos)
Ilha do Maranhão (3.^a edição)
Maranhão Antigo e Moderno
Maranhão Intellectual e Artístico
Versos da moda
Manual da Felicidade
Hosanas (Poesias Religiosas)
Contos
Lucilações
Novos Contos
Chronicas
Maranhão Bello e Rico
Coisas do Maranhão
O Brasil Militar
Lantejoulas (Chronicas e Contos)
Deus na Opinião dos Sabios
Quadros Bucolicos
Miscelanea
Selene
Congresso de Luz
Vida na Roça (versos)
Historia do Maranhão (2.^a edição)
Descobertas e Invenções
Ave, Portugal!
Chrysanthemo
Culto á Bandeira
Cantos Patrioticos

ERRATA

Página 9	Linha 28	Onde se lê	<i>Por mil commoção</i>	leia-se	<i>Por vil commoção</i>
« 16	« 3	«	<i>Philosophia</i>	«	<i>Philosophie</i>
« 24	« 9	«	<i>N'alma a distroe</i>	«	<i>Nalma e distroe</i>
« 31	« 17	«	<i>Infuir</i>	«	<i>Influir</i>
« 34	« 2	«	<i>Prediosa</i>	«	<i>Preciosa</i>
« 43	« 28	«	<i>Chanan</i>	«	<i>Chanaan</i>
« 50	« 29	«	<i>Escreveu o Atlas</i>	«	<i>E compoz o Atlas</i>
« 65	« 1	«	<i>Nascea</i>	«	<i>Nasceu</i>
« 72	« 22	«	<i>Tembo</i>	«	<i>Tenho</i>
« 80	« 17	«	<i>Nuuens</i>	«	<i>Nuvens</i>
« 80	« 19	«	<i>Olha</i>	«	<i>Olhar</i>
« 84	« 15	«	<i>Teodoro</i>	«	<i>Theodoro</i>
« 86	« 29	«	<i>Ssb</i>	«	<i>Sob</i>
« 96	« 15	«	<i>Sacrifidor</i>	«	<i>Sacrificador</i>
« 96	« 22	«	<i>Alcoverde</i>	«	<i>Arcoverde</i>
« 105	« 18	«	<i>Rubem</i>	«	<i>Titanicas</i>
« 105	« 32	«	<i>Abdevile</i>	«	<i>Abbéville</i>
« 114	« 34	«	<i>Titauicas</i>	«	<i>Titanicas</i>